

A arqueologia empresarial e a sua contribuição para a investigação arqueológica: um estudo na Beira Baixa

Catarina Isabel Gil Anacleto

Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia

Maio, 2017

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Arqueologia realizado sob a orientação científica do
Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva.

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Dr. João Carlos Caninas e Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, por me auxiliarem em tudo o que foi necessário e por tudo aquilo que me ensinaram.

Ao Mário Monteiro, por ter editado a planta da anta do Cabeço d'Ante na qual foram projetadas as pontas de seta e executado as fotografias das mesmas, para além de todo o conhecimento transmitido enquanto me acompanhava nas diversas atividades, assim como o incentivo dado, sempre com amizade.

Ao André Pereira, pela elaboração dos desenhos das pontas de seta, assim como pelo seu interesse constante em ensinar, sem esquecer a sua amizade.

Ao Pedro Baptista, pelo apoio incondicional, pelas trocas de ideias, por estar sempre presente mesmo estando longe.

À Cátia Mendes, ao Emanuel Carvalho, ao Paulo Félix, ao Francisco Henriques, ao Fernando Robles, à Marina Évora, ao David Nora, à Catarina Alves, ao Daniel Silva, pela amizade e por todos os momentos em que aprendi algo com eles.

À Sandra Clélia e ao Nuno Félix, pela oferta do DVD “Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever”, de Jorge de Oliveira, e por me terem facultado a balança com a qual pesei as pontas de seta, para além dos dias de boa disposição em escavação e tudo aquilo que me transmitiram.

Por último, à minha família, por todo o carinho e apoio que me deram, assim como pela paciência que tiveram comigo.

A arqueologia empresarial e a sua contribuição para a investigação arqueológica: um estudo na Beira Baixa

Catarina Isabel Gil Anacleto

PALAVRAS-CHAVE: acompanhamento arqueológico, organização de dados arqueológicos, pontas de seta, anta do Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão)

Resumo

O presente relatório resultou do estágio efetuado na firma EMERITA, Lda., no âmbito da componente não letiva do Mestrado em Arqueologia. Como tal, apresenta e discute as atividades realizadas.

Em primeiro lugar, aborda a metodologia aplicada na realização de um inventário/catálogo de sítios arqueológicos do concelho de Oleiros a ser inserido num relatório a entregar à tutela e em publicação posterior, bem como a metodologia e problemática do acompanhamento arqueológico de obras na cidade de Lisboa.

Além disso, inclui uma componente científica, baseada no estudo preliminar das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão), intervencionada arqueologicamente durante o estágio. O estudo deste conjunto de pontas de seta ofereceu novos dados sobre as comunidades dos finais do IV e inícios do III milénio a.C., na região de Vila Velha de Ródão, uma região com lacunas na investigação que têm vindo a ser colmatadas pela ação da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) e seus parceiros, um dos quais a EMERITA, Lda..

Development-led archaeology and its contribution to archaeological research: a case study in Beira Baixa

Catarina Isabel Gil Anacleto

KEYWORDS: archaeological monitoring, archaeological data sorting, arrowheads, dolmen of Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão)

Abstract

The following report results from an internship conducted in the firm EMERITA, Lda., in the scope of the practical component of FCSH-UNL's Masters' in Archaeology. As such, it presents and discusses the activities realized.

First and foremost, it approaches the methodology applied in the Oleiros' archaeological sites' inventory/catalog, meant to be delivered to DGPC and published in a later date, as well as the method and problematics of archaeological monitoring in an urban landscape, specifically Lisbon.

Further, it includes a scientific component, based on the preliminar study of the arrowheads found in the dolmen of Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão), subject to archaeological excavations during said internship. This study resulted in new data from the late IV and early III millenia b.C., in the region of Vila Velha de Ródão, one that suffers from investigation gaps, which have been surpressed lately through the actions of the Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) and its partners, namely EMERITA, Lda..

Índice

Agradecimentos

Resumo / Abstract

1. Introdução.....	1
2. A entidade promotora do estágio: EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda.	3
3. Trabalhos no âmbito do estágio	
3.1. Inventário/catálogo.....	5
3.2. Acompanhamento arqueológico de obras.....	10
4. Um estudo na Beira Baixa: o conjunto de pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante (Vilas Ruivas, Vila Velha de Ródão)	
4.1. O Megalitismo e o seu estudo no concelho de Vila Velha de Ródão.....	14
4.2. A anta do Cabeço d'Ante – localização, caracterização e metodologia dos trabalhos arqueológicos.....	17
4.3. As pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante	
4.3.1. Enquadramento metodológico.....	20
4.3.2. As tipologias das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante.....	23
4.3.3. Classificação da matéria-prima das pontas de seta.....	26
4.3.4. Análise do retoque.....	27
4.3.5. Índices de alongamento e espessura.....	28
4.3.6. Distribuição espacial.....	29
4.3.7. Análise descritiva.....	31
4.3.8. Enquadramento crono-tipológico.....	40
5. Notas finais.....	47
6. Referências bibliográficas.....	49

Anexos

Anexo I: Cartografia e fotografia geral

Anexo II: Fotografias das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante

Anexo III: Estampas

Anexo IV: Tabela de leitura simplificada sobre a caracterização das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante

Anexo V: Tabela de dimensões, pesos, índices de espessura e de alongamento das pontas de seta da anta Cabeço d'Ante

Anexo VI: Tabela de monumentos megalíticos e a quantidade de paralelos registados

1. Introdução

O relatório presente é o resultado de um estágio realizado na empresa EMERITA, Lda., no âmbito da componente não letiva do Mestrado em Arqueologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O estágio foi orientado pelo Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva (FCSH-UNL) e pelo Dr. João Caninas, sócio-gerente da empresa EMERITA, Lda., tendo como principais objetivos:

- desenvolvimento da componente prática em arqueologia empresarial;
- reflexão crítica sobre as metodologias aplicadas na arqueologia empresarial;
- aferir a *praxis* da arqueologia empresarial enquanto instrumento válido para a produção de conhecimento científico.

Para atingir estes objetivos foram desempenhadas funções de carácter profissional durante cerca de seis meses, compreendendo na primeira fase do estágio trabalhos de escavação, prospeção e acompanhamento arqueológico, assim como a elaboração de um inventário/catálogo de sítios arqueológicos do concelho de Oleiros, a incluir num relatório final a ser entregue à Direção-Geral do Património Cultural pela EMERITA, Lda. e Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

Na segunda fase foi analisado o conjunto de pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante (Vila Velha de Ródão), sítio arqueológico intervencionado no âmbito das atividades de investigação e valorização patrimonial promovidas pela AEAT, com o apoio da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e da CELTEJO e a participação técnica da EMERITA, Lda.

A signatária participou na escavação arqueológica e foi convidada a estudar o conjunto de pontas de seta recolhido. Este estudo assumiu-se como componente científica do presente relatório.

Com recurso à consulta de bibliografia especializada e de referência, as pontas de seta foram analisadas, classificadas, inventariadas e enquadradas no seu contexto cronotipológico. Além do estudo tipológico, analisou-se a distribuição espacial daqueles artefactos.

Neste estudo preliminar não foram realizadas análises petrográficas macroscópicas com recurso a lupa binocular, embora as consideremos fundamentais para determinar com maior precisão a matéria-prima de cada um dos artefactos. Numa fase posterior, a sua realização, a par de estudos de proveniência das matérias-primas, permitiria aumentar o conhecimento sobre os padrões de mobilidade, bem como das técnicas de exploração de recursos das comunidades que produziram e manipularam estes materiais.

Em consonância com o decurso do estágio, e uma vez que foram levados a cabo trabalhos de natureza diversa inerentes à arqueologia empresarial, foi o relatório dividido em duas partes distintas: uma correspondente a trabalhos localizados em diferentes pontos do país e outra dizendo respeito ao estudo do conjunto de pontas de seta do referido monumento megalítico, sendo fundamentais para o desenvolvimento da componente prática do estágio.

2. A entidade promotora do estágio: EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda.

A EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda. foi a entidade promotora do estágio curricular, impondo-se por consequência uma breve contextualização sobre o historial e a estrutura deste organismo empresarial.

Foi João Carlos Caninas o fundador da EMERITA, Lda. em 2001, investigador licenciado em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores (Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa), mestre em Arqueologia (Universidade do Porto) e, na atualidade, doutorando em Arqueologia (Universidade de Évora).

Antes da criação da empresa, João Carlos Caninas executava trabalhos profissionais de consultadoria na área da Arqueologia como profissional liberal. O aumento da quantidade de trabalhos levou-o a recorrer a um número crescente de colaboradores, o que, por sua vez, o obrigou a mudar o modelo de gestão e a criar a empresa em 2001. Deste então, a EMERITA, Lda. realizou sobretudo trabalhos de consultadoria no âmbito de instrumentos de política de ambiente (avaliação de impacto ambiental e planos de ordenamento) e acompanhamento de obras, por todo o país, dedicando-se em menor medida a escavações arqueológicas.

A empresa é unipessoal limitada, ou seja, João Carlos Caninas é sócio único e gerente. Contudo, o organismo tem dois arqueólogos contratados (Mário Monteiro e Alexandre Lima). Para além destes três técnicos, a EMERITA, Lda. conta com a colaboração externa de muitos outros arqueólogos sem vínculo permanente, remunerados projeto a projeto. Da lista contam-se mais de cinco dezenas de profissionais.

Podemos concluir, portanto, que o funcionamento da empresa é muito simples e desburocratizado, possuindo uma pequena escala e dimensão. Apesar destas características, conta com um portfólio diversificado de clientes, desde o sector privado ao sector público do Estado, passando ainda por associações sem fins lucrativos, das quais se destaca a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

Em colaboração com a AEAT, a empresa foi responsável também por trabalhos de valorização de sítios arqueológicos e de apoio à investigação científica. São exemplos o estudo, recuperação e valorização do percurso pedestre da Calçada da Telhada

(Henriques *et al.*, 2013) e da anta do Cabeço d'Ante, esta última integrada no percurso pedestre PR2 *Caminho das Virtudes*, em Vila Velha de Ródão, assim como a participação no Campo Arqueológico de Proença-a-Nova com apoio técnico-científico. É no âmbito de mais uma parceria entre estas entidades que se dá a escavação arqueológica da anta do Cabeço d'Ante, tendo surgido a oportunidade de a signatária estudar o conjunto de pontas de seta recolhidas naquele monumento.

A partir da aprovação da nova Lei de Bases do Património Cultural, em 2001, a obrigatoriedade de acompanhamento arqueológico levou a um crescimento sem precedentes da atividade arqueológica em Portugal, com a criação de muitas empresas que vieram suprir as necessidades do mercado.

No entanto, a aplicação desta lei enferma de deficiências, notando-se falhas no desenvolvimento da atividade arqueológica. Muitas das vezes, a execução e publicação dos relatórios e resultados obtidos em campo não é adequadamente financiada, tornando-se num encargo acrescido para os arqueólogos ou fazendo com que estas intervenções tardem a atingir um adequado desenvolvimento e uma divulgação quer científica, quer no âmbito público e social. Por outro lado, muitas intervenções realizadas em espaços urbanos são repartidas entre várias empresas de arqueologia, resultando numa fragmentação e dispersão de informação que deveria ser concentrada num núcleo, de forma a poder ser interpretada e revista de uma forma mais abrangente e completa.

Ainda assim, a EMERITA, Lda. consegue destacar-se, nesta conjuntura, por procurar atingir rigor científico na execução da atividade arqueológica. Os seus métodos primam pela adaptabilidade aos contextos onde trabalham, sem nunca comprometer a eficiência e qualidade do trabalho, alicerçado em valores de respeito e responsabilidade pela defesa do património e sua divulgação. De facto, a EMERITA, Lda. tem procurado valorizar a componente científica no âmbito da atividade empresarial sendo disso exemplo a edição de uma revista digital denominada *EMERITA Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, disponível no *website* da empresa (www.emerita.pt), e a publicação de estudos em diversas revistas de índole arqueológica.

3. Trabalhos no âmbito do estágio

3.1. Inventário/catálogo

A primeira tarefa proposta e realizada no âmbito do estágio equívaleu à produção de um catálogo/inventário de sítios arqueológicos do concelho de Oleiros, parte integrante de um relatório a ser entregue à Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). Do catálogo/inventário constam dados inéditos ainda não inseridos na base de dados *Endovélico*, e é deles que se pretende dar conhecimento à tutela, para serem inseridos naquela base. Posteriormente, em parceria com a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), será efetuada a publicação de monografia com aquela informação na revista *Açafa on-line*. Este relatório tem como temática a arqueologia de Oleiros e poderá também servir como um primeiro contributo global para carta arqueológica daquele concelho.

A urgência da redação do mesmo prende-se com dois fatores. O primeiro está relacionado com o importante contributo para o conhecimento, valorização e divulgação do património arqueológico e histórico do concelho de Oleiros. A maioria do seu conteúdo é inédito, uma vez que no âmbito de Estudos de Impacte Ambiental de projetos de construção de parques eólicos e de ulteriores prospeções realizadas por elementos da AEAT, foram detetados múltiplos sítios arqueológicos que importa investigar - analisar o modo de ocupação e exploração daquele território pelas comunidades do passado – valorizar e divulgar.

O segundo fator associa-se à proteção e gestão do respetivo património, pelo facto de este concelho não possuir nenhum documento deste tipo que reúna dados específicos sobre o seu património arqueológico e que contribua com este conhecimento para o ordenamento municipal na ótica da salvaguarda patrimonial. Para fins de proteção e gestão do património arqueológico e histórico do concelho de Oleiros será entregue uma cópia do relatório ao município, na perspetiva de ser futuramente integrado no Plano Diretor Municipal (PDM), multiplicando-se assim o número de sítios que o PDM em vigor contempla. Fica a nota de que o atual PDM integra vinte e um sítios constantes do *Endovélico*, no decorrer de 2007 (1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Oleiros, 2005-2010:256).

O relatório, cuja organização e redação teve a contribuição da signatária, terá a seguinte estrutura: introdução; antecedentes (retrospectiva histórica da investigação arqueológica neste concelho); enquadramento geográfico (caracterização natural do território com destaque para a morfologia e geologia); evolução do povoamento (tendo como referência uma tabela geral de sítios e mapas de distribuição de sítios por épocas e tipologias, analisam-se os dados disponíveis como indicativos do povoamento do território e sua contextualização regional); fontes de informação (bibliografia, cartografia, relatórios e outras fontes utilizadas); catálogo/inventário.

O catálogo/inventário foi elaborado tendo por base dados recolhidos em relatórios de Estudos de Impacte Ambiental ou de Incidências Ambientais, em relatórios de prospeções levadas a cabo pela AEAT e em bibliografia. Com efeito, reuniu-se num só documento conhecimento sobre o património arqueológico e histórico deste município que se encontrava disperso, embora recolhido por diferentes agentes.

A cada sítio arqueológico do catálogo/inventário corresponde uma ficha de sítio, baseada na ficha de sítio da DGPC, embora enriquecida com tópicos considerados pertinentes para a caracterização de cada um. A ficha de sítio contém campos de preenchimento idênticos aos de uma base de dados informática, à qual é feita referência mais à frente. Os campos de preenchimento de cada entrada/ficha de sítio consistem em:

- *Número/Referência*: número de série atribuído a cada entrada/ficha de sítio, ou seja, a cada sítio ou achado arqueológico;
- *Topónimo*: indicação do nome do local presente na cartografia ou obtido por informação oral;
- *Concelho*: Oleiros, de acordo com a reorganização administrativa territorial autárquica: Lei n.º 22/2012, de 30 de Maio;
- *Freguesia*: Álvaro, Cambas, Estreito – Vilar Barroco, Isna, Madeirã, Mosteiro, Oleiros – Amieira, Orvalho, Sarnadas de São Simão, Sobral, segundo a reorganização administrativa do território das freguesias: Lei n.º 11-A/2013, de 28 de Janeiro;
- *CNS*: Código Nacional de Sítio - nos casos em que está atribuído pela tutela, permite o cruzamento com a base de dados do Endovélico;

- *CMP*: indicação do número da folha da Carta Militar Portuguesa (1996), à escala 1:25000;
- *Cota*: altitude em relação ao nível médio da água do mar, em metros;
- *Coordenadas*: indicação da latitude e longitude, referindo sempre o sistema de coordenadas (UTM ED50; Pseudo-Mercator/Google Mercator; Gauss), permitindo a localização de sítios por qualquer utilizador;
- *Lugar*: menção do lugar mais próximo do sítio, quando existe na cartografia ou obtido por informação oral;
- *Contexto geomorfológico*: informação sobre o substrato geológico e o tipo de relevo em quais o sítio ou achado arqueológico assenta;
- *Acesso*: indicação do(s) acesso(s) ao sítio arqueológico;
- *Data da descoberta*: informação sobre o dia, mês e ano da descoberta;
- *Categoria*: categorização da ocorrência, onde são usados os termos “arqueológico”, “arquitetónico”, “etnográfico”, “outros”;
- *Tipo de sítio*: identificação do tipo de ocorrência arqueológica, utilizando os termos da base de dados de arqueologia (Endovélico), disponíveis em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Períodos cronológicos*: preenchimento acerca do(s) período(s) cronológico(s) de uma ocorrência arqueológica, de acordo com os termos da base de dados de arqueologia (Endovélico), disponíveis em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Descrição*: campo onde se mencionam as principais características da ocorrência arqueológica e os vestígios visíveis à superfície, assim como a área de dispersão desses vestígios ou a dimensão do sítio. Quando existem, são registados os trabalhos de escavação e os seus resultados. No caso dos achados isolados são referidas as suas características.

- *Fiabilidade de observação*: indicação do grau de fiabilidade de observação sobre a identificação do sítio durante prospeção ou última visita, utilizando os termos “boa”, “razoável”, “insuficiente”;
- *Classificação*: informação sobre o estado de classificação do sítio, utilizando os termos da base de dados arqueológicos (Endovélico), disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Conservação*: identificação do estado de conservação do sítio, utilizando os termos da base de dados arqueológicos (Endovélico), disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Uso do solo*: identificação da utilização atual do solo onde o sítio ou achado está inserido, utilizando os termos da base de dados arqueológicos (Endovélico), disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Coberto vegetal*: indicação do tipo de vegetação aquando da prospeção ou última visita ao sítio;
- *Ameaças*: menção de possíveis ameaças a que o sítio possa estar sujeito, utilizando os termos da base de dados arqueológicos (Endovélico), disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Proteção*: identificação de eventuais estruturas de proteção da ocorrência arqueológica, utilizando os termos da base de dados de arqueologia (Endovélico), disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/gestao-da-atividade-arqueologica/portal-do-arqueologo/>;
- *Tradições locais*: registo sobre eventuais lendas ou romarias associadas ao sítio arqueológico, muitas vezes obtidas por informação oral;
- *Espólio recolhido*: informação sobre eventual espólio recolhido, em prospeções ou escavações, no passado ou aquando da última visita;

- *Proprietário*: identificação do nome do(s) proprietário(s) do terreno em que se encontra o sítio arqueológico, sempre que seja possível; uma vez que são referidos achados isolados que se encontram em coleções de museus, o proprietário é referido como sendo o museu;
- *Bibliografia*: identificação das referências bibliográficas referentes ao sítio ou achados arqueológicos.

Por último, resta referir que os sítios arqueológicos estão organizados por ordem alfabética.

Paralelamente ao catálogo/inventário foi criada uma base de dados com a totalidade dos sítios arqueológicos do concelho, com recurso ao *Microsoft Office Access 2007*, vislumbrando-se futuramente a sua inclusão num Sistema de Informação Geográfica (SIG). Esta base de dados contém trinta e um campos de preenchimento, abertos ou fechados, suportando qualquer tipo de informação alfanumérica. Os campos abertos permitem descrições, observações, em suma, qualquer forma de texto corrido que não seja simplificável numa mera classificação. Os campos fechados permitem uma categorização o mais uniforme e objetiva possível ao estabelecer um conjunto de hipóteses baseado em trabalho de campo prévio, condicionando a escolha do utilizador. Para além disso, através dos campos fechados é possível exportar os dados para outras bases de dados ou sistemas de informação geográfica e assim criar cartografia temática. A base de dados conta com cento e vinte cinco entradas até ao momento, ou seja, o mesmo número de fichas de sítio do catálogo/inventário.

É fundamental que a tutela e as autarquias tenham informação sobre as existências do património cultural, para numa situação de risco poderem protegê-lo, uma vez que é considerado um recurso não renovável. Por isso, a “salvaguarda do património construído e património arqueológico faz-se através da atualização de inventários, bem georreferenciados, e da sua utilização tanto no planeamento como no licenciamento de obras e seu acompanhamento” (Caninas & Henriques, 2008:12). No entanto, a salvaguarda do património cultural (que é de todos e para todos nós) só funciona corretamente quando as autarquias e também a sociedade civil assumem a responsabilidade devida a esta ação, sendo as principais constantes nesta equação.

Correspondendo a outra função que não visa o planeamento e gestão territorial, a carta/inventário arqueológica(o) constitui-se também como um instrumento de

investigação arqueológica. Há casos de cartas/inventários arqueológicas(os) que surgem do advento de projetos de investigação e de trabalhos arqueológicos inseridos em contextos não-empresariais, sendo posteriormente adotados, ou não, pelas autarquias como um instrumento útil de planeamento e gestão do território e, por conseguinte, de preservação do património; existem outros casos em que decorre o inverso, ou seja, a maioria dos dados presentes em cartas/inventários arqueológicas(os) tem origem em trabalhos arqueológicos executados no âmbito de arqueologia empresarial ou de trabalhos ligados a associações e que inerentemente se tornam num instrumento de investigação em construção permanente. O relatório a ser entregue à tutela com informação acerca da arqueologia do concelho de Oleiros, com título ainda por definir, corresponde à última circunstância referida.

Num concelho como o de Oleiros, onde o turismo se afigura como uma mais-valia económica e um veículo de desenvolvimento e dinamismo, é possível articular pontos de interesse arqueológico e histórico a outros de interesse geológico e natural, à semelhança de outros municípios contíguos, contribuindo para o aumento da oferta turística existente e para a salvaguarda e valorização do património cultural e natural. É por isso que o conhecimento sobre o património arqueológico e histórico por parte das autarquias é um elemento a seu favor, o que pode ser potenciado, gerando retorno sobre a forma de lucro. Este processo pode começar pela elaboração do catálogo/inventário dos sítios arqueológicos do respetivo município.

3.2. Acompanhamento arqueológico de obras

Durante o estágio foram também realizados quarenta e oito trabalhos de acompanhamento arqueológico de aberturas de valas para execução de ligações de ramal da “Empreitada Geral de Intervenções nas Infraestruturas da Rede da EPAL – Direção de Manutenção”. Estes acompanhamentos, presenciais e permanentes enquanto decorreram escavações, foram realizados em parceria com o arqueólogo responsável por esta intervenção.

Estes trabalhos decorreram em áreas de Nível Arqueológico II e III, regulamentadas pelo Plano Diretor Municipal de Lisboa¹ (PDML). Tinham como objetivo observar as operações de escavação manual (com recurso a pá, picareta, por vezes, martelo pneumático) de uma equipa de trabalhadores de uma empresa privada contratada pela EPAL para executar pequenas intervenções na rede de distribuição de água na cidade de Lisboa.

A metodologia utilizada no acompanhamento arqueológico consistiu na observação dos depósitos retirados pela escavação, no registo fotográfico dos buracos e/ou valas expostas, com máquina fotográfica digital (FUJIFILM FinePix S3200), e do registo da estratigrafia (segundo os Princípios de Estratigrafia Arqueológica de Harris (1991) posta a descoberto pelos trabalhadores. Finalizados os trabalhos de escavação, foi elaborado um croqui para o registo das medidas (comprimento, largura e profundidade) do buraco aberto. Todos os dados registados durante o acompanhamento arqueológico foram posteriormente incluídos numa ficha de trabalho diário composta pelos seguintes itens:

- *Referência*: número de ordem do trabalho arqueológico e indicação das iniciais do nome próprio e do apelido do arqueólogo responsável separados por um *underscore*, como por exemplo, “001_MM”;
- *Data*: indicação do dia, mês e ano em que ocorreu o acompanhamento arqueológico;
- *Horário*: indicação das horas do começo e fim do acompanhamento arqueológico;
- *Tipo de ação*: indicação do tipo de trabalho arqueológico. Neste caso em concreto “Acompanhamento”;
- *Empreitada*: informação sobre o âmbito da empreitada sujeita a acompanhamento arqueológico. Neste campo específico “Empreitada Geral de Intervenções nas Infraestruturas da Rede da EPAL – Direção de Manutenção”;
- *Frente de obra/trabalho*: indicação sobre o nome atribuído à frente de obra/trabalho;

¹ Ver Artigo 33.º do Regulamento do Plano Diretor Municipal de Lisboa (2012:69-70).

- *Localização*: anotação sobre o local da frente de obra/trabalho com referência ao nome da rua, número da porta e freguesia;
- *Caracterização*: indicação do trabalho a realizar no sítio pela empresa executante da intervenção na rede de distribuição de água;
- *Enquadramento*: informação relativa ao enquadramento legal da frente de obra/trabalho. De acordo com o PDML, é referida a área de Nível Arqueológico, onde incide a frente de obra/trabalho. Se por ventura está enquadrada em planos de urbanização ou reabilitação contemplados pelo PDML, esta referência não é esquecida. É também referido se está abrangida pela Zona Especial de Proteção² (ZEP) ou pela Zona Geral de Proteção³ (ZGP) de determinado imóvel;
- *Resultados*: neste campo regista-se tudo o que foi detetado e identificado. É introduzida informação sobre as medidas (comprimento, largura e profundidade) do buraco aberto para a ligação à rede existente. Regista-se também a sequência estratigráfica. É referido o interesse arqueológico da intervenção;
- *Localização em planta*: localização da frente de obra/trabalho na planta da cidade de Lisboa;
- *Registo fotográfico*: durante a operação de escavação manual por parte dos trabalhadores são tiradas diversas fotografias, registando-se a progressão dos trabalhos. No entanto, a inclusão de fotografias na ficha de trabalho diário é referente apenas ao início e ao fim da escavação;
- *Executante*: nome e rubrica do arqueólogo que executou o acompanhamento arqueológico.

Os materiais observados aquando da remoção de terras, de uma forma geral, correspondem a cronologias contemporâneas, coadunando-se com a abertura de buracos e valas no último quartel do século passado e no primeiro quartel do século XXI. Caracterizam-se por fragmentos de materiais cerâmicos de construção, clastos, fragmentos de madeira, fitas plásticas para sinalização de tubagens, lajes de apoio a tubagens, tubagens de água, gás, eletricidade, canos de esgoto. Evidentemente, nenhum

² Ver Artigo 41.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro

³ Ver Artigo 37.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro

destes materiais foi recolhido, uma vez que não se tratava de artefactos de valor arqueológico. Também não foi detetada qualquer estrutura em quarenta e oito acompanhamentos arqueológicos. Tal resultado é justificável pelo facto de as intervenções consistirem na reabertura de valas antecedentes.

Concluindo, estes trabalhos revelaram-se estéreis em vestígios arqueológicos, tendo em conta os seguintes fatores: as áreas intervencionadas já teriam sido afectadas anteriormente por parte de companhias de abastecimento de água e de saneamento, gás, electricidade, telecomunicações ou devido a trabalhos de substituição de pavimentos, contribuindo para o elevado grau de revolvimento do solo; a afectação da intervenção é mínima, uma vez que, grosso modo, as tubagens para ligação de ramais à rede de distribuição da EPAL se encontram a cerca de 1m de profundidade. O comprimento e largura dos buracos e valas abertas são bastante variáveis, dificilmente alcançando, contudo, os 4m de comprimento ou os 2m de largura.

Estes trabalhos de acompanhamento arqueológico permitiram à autora dar os primeiros passos no mundo da arqueologia empresarial. Foi possível perceber a metodologia inerente à execução de acompanhamento arqueológico, não sendo tão complexa quanto a de outros trabalhos da mesma natureza. Outros trabalhos de acompanhamento exigem, por exemplo, desenhos à escala 1:20 devidamente cotados, conforme o interesse arqueológico do objeto de registo, procedimento que não foi necessário aplicar em nenhuma das intervenções acompanhadas.

4. Um estudo na Beira Baixa: o conjunto de pontas de seta da anta do Cabeço D'Ante (Vilas Ruivas, Vila Velha de Ródão)

4.1. O Megalitismo e o seu estudo no concelho de Vila Velha de Ródão

O megalitismo funerário, observável a partir da segunda metade do V milénio a.C., estendendo-se até ao III milénio a.C. (Silva, 1987; Senna-Martinez & Ventura, 2008; Boaventura, 2009), representa uma mudança na relação com os mortos por parte das sociedades agro-pastoris, consequência de uma diferente construção mental, materializada na construção de contentores funerários pétreos envolvidos, na grande maioria dos casos, por aquilo a que se chama *tumulus* (em latim) ou mamoa (em português vernacular). Estas construções funerárias, por vezes monumentais, com inumações individuais e/ou coletivas, são também interpretados como marcadores da paisagem, “de domesticação e conquista dos territórios” (Diniz, 2000:115). Acrescentam-se um e/ou mais rituais específicos: o de se colocar junto ao morto “os espólios mais elementares e aparentemente arcaicos, materiais de uso quotidiano de alto potencial transformador, como machados e enxós de pedra polida, ou artefactos em matérias-primas irreversivelmente transformadas, domesticada, como é o caso dos vasos cerâmicos” (*idem*:114). Esses espólios deixam antever e são o reflexo de “novas formas de obtenção de alimentos e de exploração da terra e dos animais, à exploração e transformação de outras matérias-primas” (*idem*:113), identificadas também em sítios de *habitat*, dos quais não se podem dissociar.

Na sua génese, na fase designada por *protomegalitismo* (Silva, 1987; Gonçalves, 1999; Soares e Silva, 2000; Cardoso *et al.*, 2003; Senna-Martinez & Ventura, 2008; Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, 2013) caracteriza-se: *i*) a nível arquitetónico, por sepulturas de câmaras abertas ou fechadas e sem corredor, de plantas retangulares ou ovaladas, de reduzidas dimensões, integradas em estruturas tumulares simples. Contudo, existe “um marcado polimorfismo nas arquiteturas” (Senna-Martinez & Ventura, 2008:325) em determinadas zonas do território nacional, uma vez que para a região da Beira Alta existem datas de radiocarbono atribuídas à primeira fase do megalitismo para monumentos que possuem um corredor curto. São os casos do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades, Viseu) e do dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu) (Senna-

Martinez & Ventura, 2008:324-325); *ii*) a nível artefactual, pela deposição de geométricos, alguns instrumentos de pedra polida (machados e enxós), lâminas e lamelas não retocadas e raras contas discóides e a ausência de pontas de seta, alabardas, lâminas ovóides, lâminas espessas, placas de xisto gravadas e cerâmica manual. Já num momento bastante próximo da construção dos monumentos da segunda fase, são acrescentadas as primeiras pontas de seta, assim como “as primeiras foices e raspadores sobre lâmina” (Senna-Martinez & Ventura, 2008:327); *iii*) pela prática de inumações individuais ou, num momento posterior, por um número reduzido de enterramentos. De entre os monumentos que caracterizam esta fase, contamos com os acima referidos, assim como os dólmens 1, 2 e 3 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda) (Senna-Martinez & Ventura, 2008:324), a orca de Pramelas (Nelas, Viseu), a orca de Santo Tisco (Carregal do Sal, Viseu), as orcas 1 e 2 do Ameal (Carregal do Sal, Viseu), a orca do Folhadal (Nelas, Viseu) (*idem*:325), o de Marco Branco (Santiago do Cacém, Setúbal) (Silva, 1987:85), a anta de Chã de Parada (Baião, Porto), anta de Meninas do Crasto 2 (Baião, Porto), mamoa da Mina do Simão (Amarante, Porto), (Diniz, 2000:112), anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmanihal, Idanha-a-Nova) (Cardoso *et al.*, 2003:174), Azinhal 3 (Coruche, Santarém) (*ibidem*), entre outros.

A segunda fase do megalitismo, correspondente ao último quartel do IV milénio e primeira metade do III milénio a.C. (Neolítico Final-Calcolítico Inicial e Pleno) (Silva, 1987; Gonçalves, 1999; Soares e Silva, 2000; Cardoso *et al.*, 2003; Senna-Martinez & Ventura, 2008; Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, 2013), apresenta-se distribuída um pouco por todo o território português e caracteriza-se: *i*) a nível arquitetónico, pela existência simultânea de arquiteturas diversas, nomeadamente “câmaras simples, com planta em ferradura, abertas mas desprovidas de corredor” (Cardoso *et al.*, 2003:151), antas de pequenas dimensões de câmara poligonal ou arredondada e corredor longo bem diferenciado em altura em relação à câmara, sepulcros de grandes dimensões, com câmaras poligonais ou arredondadas de sete a onze esteios e corredores longos bem diferenciados; *ii*) a nível artefactual, pela presença de geométricos (em número inferior à fase anterior), maior número de instrumentos de pedra polida face à fase anterior (inclusão de goivas), pontas de seta (associadas a esta fase, num momento mais tardio, calcolítico, as de base reta e côncava), alabardas, lâminas ovóides, grandes lâminas retocadas, “ídolos-placa”, contentores cerâmicos lisos e com caneluras; *iii*) por um aumento do número de enterramentos relativamente à fase anterior. Para esta fase temos como exemplos as antas 2 (Zebreira e Segura, Idanha-a-Nova), 5a (Zebreira e

Segura, Idanha-a-Nova) e 8 do Amieiro (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova), a anta do Poço do Chibo (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova), a anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova) (Cardoso *et al.*, 2003), o dólmen da Pedra Branca (Melides, Grândola), (Silva, 1987:86), o dólmen 1 dos Moinhos de Vento (Secarias, Arganil), a orca das Castenairas (Vila Nova de Paiva, Viseu), Lameira de Cima 1 e 2 (Penedono, Viseu), a mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), a mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão), a anta da Bola de Cera (Marvão), entre outros.

O estudo do megalitismo da região de Vila Velha de Ródão começou no início do século XX, com as intervenções arqueológicas efetuadas por Francisco Tavares de Proença Júnior, nomeadamente na anta da Urgueira, em Perais (Proença Júnior, 1909), no túmulo 1 do Lucriz, também em Perais (Caninas, 2012:176), e na necrópole de Atalaia, em Sarnadas de Ródão, onde foi intervencionado um número indeterminado de monumentos (*ibidem*).

Depois de um longo hiato sem pesquisas subsequente à morte precoce de Francisco Tavares de Proença Júnior e também à falta de investigadores interessados nesta área geográfica, foi intervencionada, em 1980, por João Carlos Caninas e Francisco Henriques, a anta do Farranhão (*idem*:179), com resultados ainda por publicar. Ainda durante esta década, a intervenção arqueológica da mamoa da Charneca das Canas ficou a dever-se a Fernando Augusto Pereira da Silva (1991).

Já no início dos anos 2000, a mamoa da Charneca das Vinhas foi escavada por João Carlos Caninas, Francisco Henriques e João Luís Cardoso (2009, 2011). Por fim, em 2007, o *tumulus* da Eira da Vinha (Perais) foi intervencionado por Filipe Santos e Nádía Figueira (2011).

Em 2014, a intervenção arqueológica da anta do Cabeço d'Ante resultou do interesse da Associação de Estudos do Alto Tejo e da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão com o apoio das empresas EMERITA – Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda. e Celtejo – Empresa de Celulose do Tejo, em estudar e valorizar aquela sepultura megalítica inserindo-a numa das rotas/percursos pedestres do concelho de Vila Velha de Ródão denominada *Caminho das Virtudes* (PR2). Esta intervenção visou também um objetivo de investigação ao proporcionar conhecimento acerca do megalitismo regional no âmbito do Projeto de Investigação *Mesopotamos – Povoamento do 5.º ao 1.º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa*.

Face aos dados disponíveis, o estudo do megalitismo no que é hoje a região de Vila Velha de Ródão tem como maiores limitações a falta de cronologias absolutas, assim como um número reduzido de monumentos escavados, o que inviabiliza uma caracterização mais aprofundada dos rituais funerários da Pré-História recente e da diversidade e diacronia daquelas arquiteturas.

4.2. A anta do Cabeço d'Ante – localização, caracterização e metodologia dos trabalhos arqueológicos

Neste capítulo debruçamo-nos sucintamente sobre a localização e caracterização da anta do Cabeço d'Ante na fase anterior à sua escavação, uma vez que não é da competência do presente relatório divulgar os resultados desta intervenção arqueológica que, além do mais, ainda não estão disponíveis. Contextualizam-se, assim, estes últimos trabalhos, abordando ainda a metodologia empregue.

Administrativamente, a anta do Cabeço d'Ante (CNS 2330 no Endovélico-DGPC e nº 23 na base de dados de sítios arqueológicos de Vila Velha de Ródão - AEAT) localiza-se no distrito de Castelo Branco, concelho e freguesia de Vila Velha de Ródão. Fica situada a cerca de 1km a Noroeste da aldeia de Vila Ruivas, implantada na área correspondente ao Grupo das Beiras (Carvalho *et al.*, 2006:26-27), designadamente, num relevo xisto-grauváquico, entre os 220 e 230 metros de altitude (fig. I.1.) (Caninas, 2012:194). O terreno onde foi construída correspondia até há bem pouco tempo a um terreno agrícola, devendo-se a esta atividade primária o muito reduzido volume da sua mamoa.

Aquando da sua identificação, corria o ano de 1975 (informação gentilmente cedida por Francisco Henriques), o monumento era composto por nove esteios de rocha metassedimentar (xisto-grauvaque). A câmara funerária conservava seis esteios e o corredor detinha dois alinhados a Sul, restando um a servir de fecho entre a câmara e o corredor (processo S – 02330, DGPC). Posto isto, era visível a ausência de um esteio na área lateral Norte da câmara e pelo menos dois no alinhamento Norte do corredor (cf. Figura I.2.).

Em consequência das ameaças à integridade da anta do Cabeço d'Ante, nomeadamente a abertura de um caminho junto à câmara funerária e ações de lavoura numa propriedade situada a Norte do caminho até junto dos esteios do monumento, foram tomadas as diligências necessárias ao seu estudo, salvaguarda e qualificação das condições de visita. Com efeito, os trabalhos arqueológicos levados a cabo pela equipa da EMERITA, Lda. tiveram início em novembro de 2014, tendo prosseguido por fases até meados de 2016.

Com vista a cumprir os objetivos até aqui expostos, as intervenções arqueológicas foram norteadas por uma metodologia de trabalho de campo e registo adaptada a este contexto particular, resultado de anos de experiência da equipa da AEAT e EMERITA, Lda.. A escavação foi executada com a remoção de sucessivas unidades estratigráficas e documentando em sucessivas plantas momentos significativos do avanço dos trabalhos em profundidade. A intervenção incidiu no interior do circuito ortostático e no seu exterior, nomeadamente com abertura de uma sanja radial destinada a caracterizar a estrutura residual da mamoa. Transcrevemos aqui essa metodologia, passível de ser consultada no plano de trabalhos arqueológicos entregue à tutela (processo S – 02330, DGPC).

“Trabalhos arqueológicos propostos

Este monumento conserva uma estrutura ortostática relativamente completa. Contudo, está muito reduzido no que concerne ao enchimento da câmara-corredor e ao volume da mamoa, que foi surribada a sul do caminho e lavrada a norte deste. Pretende-se recuperar a informação possível no que concerne a aspetos estruturais, artefactuais/rituais no contexto dos rituais funerários da Pré-História Recente, já aflorados em dois outros monumentos da região de Fratel mas de tipologia diferente deste monumento.

Os trabalhos de campo de escavação arqueológica serão executados de acordo com a metodologia adotada no estudo deste tipo de monumentos e incluem:

1. Limpeza do terreno com remoção da cobertura arbustiva;
2. Marcação de área de trabalho com configuração quadrangular (divisível em quatro quadrantes), centrada no monumento;
3. Execução de topografia de pormenor da área da mamoa (cerca de 20mx20m) e zona envolvente e ligação à rede geodésica;

4. Quadriculagem geral (quadrícula com 1m de lado) da área de trabalho a partir de dois eixos ortogonais, delimitadores de quatro quadrantes, correspondentes à divisão da área de trabalho em quatro partes;
5. Escavação do enchimento sobrance no interior da estrutura funerária e identificação dos alvéolos de implantação dos esteios ausentes;
6. Abertura de pelo menos uma de duas sanjas de seccionamento da mamoa, em direções ortogonais, desde a câmara até à periferia da mamoa de modo a identificar os vestígios da sua estrutura;
7. Execução de sucessivos registos fotográficos das diferentes fases de trabalho, incluindo a situação antes da escavação (plano 1 ou de superfície);
8. Execução de registos gráficos verticais (cortes estratigráficos) e horizontais (plantas), com recurso a desenho de campo e ulterior edição em suporte digital;
9. Recolha, tratamento, desenho e estudo de artefactos arqueológicos;
10. Caracterização sedimentológica e petrológica no âmbito da identificação de unidades estratigráficas;
11. Recolha de amostras para caracterização paleoambiental e arqueométrica;
12. Recolha e seleção de amostras para análises químicas;
13. Selagem da escavação, com preenchimento do volume escavado, reposição de esteios e eventual reconstrução (parcial) da mamoa.
14. Elaboração de relatório final dos trabalhos executados e preparação de artigo científico para publicação em revista da especialidade.”

Os resultados arqueológicos desta intervenção são fundamentais para conhecer e compreender um pouco melhor os rituais funerários da Pré-História Recente da região de Vila Velha de Ródão. Tão importante será a sua publicação, uma vez que a arqueologia não existe sem divulgação. Ou, pelo menos, não deveria existir sem esta estar assegurada, visto que por si só, a escavação arqueológica é um ato de destruição. À falta destes procedimentos, os objetivos da Arqueologia enquanto ciência são pervertidos, e o seu legado ameaçado.

4.3. As pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante

4.3.1. Enquadramento metodológico

Finalizada a escavação arqueológica da anta do Cabeço d'Ante, ficou acordado entre o orientador, o co-orientador e o orientando que o estudo do conjunto de pontas de seta seria também realizado no âmbito do estágio curricular. Consequentemente, o resultado do estudo seria parte integrante do relatório do estágio. Segue-se o enquadramento metodológico adotado.

A classificação das matérias-primas presentes no conjunto de pontas de seta foi levada a cabo através da consulta da obra *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*, de Joaquim Botelho da Costa (2014). No entanto, uma vez que a avaliação das matérias-primas se baseou em observações a olho nu, fica registada a necessidade de se efetuarem observações macroscópicas. Assim, é possível identificar-se com mais precisão as litologias presentes no conjunto. Este tipo de análise também possibilita a identificação de potenciais áreas de proveniência de matéria-prima, e a caracterização dos seus diferentes modos de aprovisionamento (direto/indireto) (Gaspar, 2009; Gaspar, *et al.* 2009).

Relativamente à análise tipológica, as pontas de seta foram classificadas tendo em conta as propostas de classificação elaboradas por Susana Oliveira Jorge (1978), António Carlos Valera (1997), Stašo Forenbaher (1999), Gertrudes Branco (2007) e Patrícia Jordão (2010). As características dos artefactos que fundamentaram a elaboração de tipologias foram o formato do corpo e, em alguns casos, a sua conjugação com a morfologia da base.

No que concerne à análise do retoque, foram seguidas as propostas de trabalho de Inizian *et al.* (1999).

Quanto às medições e índices, guiámo-nos pela proposta de Ivo Santos e Leonor Rocha (2015). Estes valores foram introduzidos numa tabela que pode ser encontrada no Anexo V.

O vocabulário de referência foi complementado pela consulta da seguinte bibliografia: *Manual de Arqueologia Pré-histórica*, de Nuno Bicho (2006); *O talhe da pedra na Pré-história Recente de Portugal: 1. Sugestões teóricas e metodológicas para*

o seu estudo, da autoria de António Faustino Carvalho (2008) e *Introdução ao Estudo da Pedra Lascada*, editado por Juan Franciso Gibaja e António Faustino Carvalho (2012).

A medição das peças fez-se recorrendo a papel milimétrico e a uma craveira. Para a pesagem foi utilizada a balança eletrónica de precisão *Kern 440-47*.

Visitando as diferentes propostas de trabalho adotaram-se os seguintes critérios de análise, sendo eles os mais usados e consensuais na comunidade científica, e indo de encontro aos objetivos de caracterização e classificação do conjunto artefactual em estudo:

Matéria-prima

0. Sílex
1. Quartzo leitoso
2. Quartzo hialino
3. Xisto
4. Chert
5. Indeterminado

Estado

0. Inteiro
1. Parte mesial+parte distal
2. Parte proximal+parte mesial
3. Extremo distal (ponta) fraturado
4. Parte proximal fraturada
5. 1+3
6. 2+4

Tipo

0. Triangular
1. Mitriforme
2. Foliácea
3. Losângica
4. “Torre Eiffel”
5. “Alcalar”
6. Inacabada

7. Indeterminada

Base

0. Reta
1. Bicôncava
2. Convexa
3. Côncava
4. Pedunculada
5. Irregular
6. Trapezoidal
7. Chanfrada

Bordos

0. Retos
1. Côncavos
2. Convexos
3. Sinuosos

Bordo esquerdo e direito (ou vice-versa) com contornos diferentes:

4. 0+1
5. 0+2
6. 0+3
7. 1+2
8. 1+3
9. 2+3

Delineação dos bordos

0. Serrilhados
1. Só um bordo serrilhado
2. Não serrilhados

7. 1+2
8. 1+3
9. 2+3

Suporte

0. Indeterminado
1. Lâmina
2. Lamela
3. Lasca
4. Prisma

RM - Morfologia

0. Escamoso
1. Paralelo
2. Sub-paralelo

Face superior e inferior (ou vice-versa) com morfologias do retoque diferentes:

3. 0+1
4. 0+2
5. 1+2

Retoque

RP - Posição

0. Direto
1. Inverso
2. Alternado
3. Alternante
4. Bifacial
5. Cruzado

RI - Inclinação

0. Abrupto
1. Abrupto cruzado
2. Semi-abrupto
3. Rasante

Quando existem inclinações diferentes na mesma peça:

4. 0+1
5. 0+2
6. 0+3
7. 1+2
8. 1+3
9. 2+3

RR - Repartição

0. Descontínuo
1. Total
2. Parcial

RE - Extensão

0. Curto
1. Longo
2. Invasivo
3. Cobridor

Face superior e inferior (ou vice-versa) com extensões do retoque diferentes:

4. 0+1
5. 0+2
6. 0+3

Perfil

0. Reto
1. Reto com extremo distal arqueado
2. Arqueado (côncava)
3. Sinuoso

Secção transversal

0. Trapezoidal
1. Triangular
2. Triângulo isósceles
3. Trapézio isósceles
4. Irregular
5. Plana

Índices

IA – Alongamento = (Largura máxima/Comprimento máximo) x 100

IE – Espessura = (Espessura máxima/Comprimento máximo) x 100

Dimensões

- C. - Comprimento máximo
- Ci. - Comprimento máximo incompleto L. - Largura máxima
- Li. - Largura máxima incompleta
- E. - Espessura máxima
- Cb. – Comprimento da base
- Ccb. - Comprimento da concavidade da base
- Ccbi. – Comprimento da concavidade da base incompleto

4.3.2. As tipologias das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante

O conjunto de pontas de seta analisado é composto por quarenta e oito peças, onze delas incompletas. Em cinco pontas de seta de base côncava existem três com as suas partes proximais fraturadas. Em duas pontas de seta chanfradas, uma delas encontra-se também fraturada na parte proximal. Em nenhuma outra tipologia ocorrem fraturas das partes proximais. Acrescenta-se ainda que a fratura de partes distais e das extremidades distais apresenta-se em peças de base pedunculada, base reta, base côncava e base convexa. Apesar do estado incompleto de algumas peças, isso não impediu a atribuição de tipologias.

Assim sendo, o conjunto é formado pelas seguintes tipologias:

1. Triangulares de base reta

Integram-se neste tipo, definido pela existência de bases retas e bordos retos ou levemente sinuosos, dois exemplares (n.ºs 1171 e 1202). Relativamente à métrica deste tipo de pontas de seta, a largura máxima é sempre equivalente à largura da base da peça. (Ver Anexo II, Figura II.4.).

2. Triangulares de base côncava

A este tipo pertencem cinco exemplares (n.ºs 1005, 1015, 1092, 1194 e 1229), sendo caracterizado pela ocorrência de bases ligeiramente côncavas e bordos retos, convexos e até sinuosos. É importante referir que a largura máxima encontra-se no extremo proximal destas pontas de setas. (Ver Anexo II, Figura II.7.).

3. Triangulares de base bicôncava

Existe apenas um exemplar (n.º 1078) que, apresentando bordos retos, possui uma base formada através de um pequeno pedúnculo que, por sua vez, a secciona em duas concavidades. É necessário ressaltar que o extremo proximal deste tipo de ponta de seta não é o pedúnculo, sendo contrário àquilo que ocorre nas pontas de base pedunculada. A largura máxima está situada no extremo proximal desta ponta de seta, à semelhança daquilo que ocorre nos exemplares de base côncava. (Ver Anexo II, Figura II.2.).

4. Triangulares de base convexa

Neste tipo, integrando vinte e um exemplares (n.ºs 1008, 1014, 1017, 1058, 1080, 1100, 1102, 1107, 1108, 1129, 1131, 1136, 1139, 1144, 1145, 1159, 1163, 1167, 1182, 1201 e 1234), consideram-se as pontas de seta de corpo triangular cujas bases são convexas, podendo assumir formas arredondadas, triangulares e mistilíneas. Os bordos laterais são retos, convexos e até sinuosos. A largura máxima das peças com esta tipologia encontra-se no início da parte proximal. (Ver Anexo II, Figura II.10., Figura II.11., Figura II.12., Figura II.13.).

5. Triangulares de base pedunculada

A este tipo de ponta de seta correspondem onze exemplares (n.ºs 1050, 1086, 1088, 1128, 1134, 1154, 1160, 1205, 1213, 1216 e 1224), caracterizados pela existência de uma base pedunculada, associada a bordos retos, convexos e minoritariamente sinuosos. Os pedúnculos podem revelar diferentes formas e tamanhos, sendo em alguns casos acompanhados por aletas laterais. A largura

máxima destes exemplares situa-se junto do início da parte proximal. (Ver Anexo II, Figura II.8. e Figura II.9.).

6. Triangulares de base trapezoidal

Trata-se de um tipo representado por apenas um exemplar (n.º 1061). A sua base é de configuração trapezoidal e o corpo, de configuração triangular, apresenta bordos retos. A largura máxima é alcançada no início da parte proximal da peça. (Ver Anexo II, Figura II.1.).

7. Foliáceas

Esta tipologia inclui três exemplares (n.ºs 1116, 1137 e 1164) e considera-se que as suas bases são predominantemente convexas e os bordos, igualmente convexas, assemelham-se à forma de uma folha. A largura máxima é atingida na parte mesial deste tipo de pontas de seta. (Ver Anexo II, Figura II.6.).

8. Chanfradas

Esta tipologia integra dois exemplares (n.ºs 1126 e 1150) caracterizados por possuírem um corpo triangular, de bordos retos e uma base, côncava ou em “V”, bastante pronunciada e angulosa, juntando-se-lhe o prolongamento de dois espigões. Diremos ainda que este tipo de base faz lembrar um rabo-de-bacalhau. Os dois exemplares apresentam fraturas, sendo que um se encontra desprovido de um dos espigões. Tal como nas pontas de seta de base côncava e bicôncava, a largura máxima para esta tipologia encontra-se no extremo proximal das peças. (Ver Anexo II, Figura II.5.).

9. Losângicas

A este grupo pertencem dois exemplares (n.ºs 1082 e 1099), os quais apresentam um formato semelhante a um losango, associados a bordos retos. É importante referir que este formato “consta de dois triângulos invertidos de áreas aproximadamente iguais” (Oliveira Jorge, 1978:15). (Ver Anexo II, Figura II.3.).

4.3.3. Classificação da matéria-prima das pontas de seta

Tal como podemos observar na figura 1, relativa às matérias-primas utilizadas, o sílex é o material de uso predominante, seguindo-se o quartzo leitoso e o quartzo hialino em igual número, embora em quantidade reduzida. O sílex, sendo uma matéria-prima exógena, indica por si só a média e/ou longa escala geográfica de redes de contactos e trocas (Caninas *et al.*, 2009:136), possuindo “importância funcional, mas também simbólica e social” (Boaventura, 2009:244). Verificamos ainda que tanto o quartzo leitoso como o quartzo hialino foram utilizados apenas na produção de pontas de seta triangulares de base convexa, de formatos arredondados e triangulares, respetivamente. No entanto, esta classificação pode não ser considerada definitiva, uma vez que, tal como referido no ponto 4.3.1., as peças foram analisadas a olho nu.

Fica a nota de que durante o processo de classificação da matéria-prima foram detetados sinais de calcinação numa ponta de seta de base pedunculada (1213). Aparentemente, a peça sofreu algum tipo de exposição accidental ao fogo, uma vez que, sendo uma peça retocada, o retoque não é observável sobre a superfície escurecida e esbatida. Por isto, pode ser deixada de fora a hipótese de tratamento térmico propositado.

Classificação da matéria-prima das pontas de seta			
Tipos	Matéria-prima		
	Sílex	Quartzo leitoso	Quartzo hialino
1. Triangular de base reta	2	-	-
2. Triangular de base côncava	5	-	-
3. Triangular de base bicôncava	1	-	-
4. Triangular de base convexa	17	2	2
5. Triangular de base pedunculada	11	-	-
6. Triangular de base trapezoidal	1	-	-
7. Foliácea	3	-	-
8. Chanfrada	2	-	-
9. Losângica	2	-	-
Total	44	2	2

Figura 1 – Classificação da matéria-prima das pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante.

4.3.4. Análise do retoque

Em relação à posição, o retoque é exclusivamente bifacial, repartindo-se totalmente em todas as pontas de seta.

Quanto à extensão, o retoque é predominantemente cobridor, observável em dezanove exemplares (40%). Segue-se o retoque invasivo e invasivo+cobridor, ambos com onze exemplares (23%). Relacionado com o tipo de retoque invasivo+cobridor, fica a nota de que a tendência é para apresentar retoque cobridor na face superior e invasivo na face inferior, observável em oito exemplares. O retoque curto surge em três peças (6%), seguindo-se o retoque curto+longo em duas peças (4%). Relativo ao tipo de retoque curto+longo, só numa das peças é que este se apresenta curto na face superior e longo na face inferior. Em último lugar, observa-se em duas peças (4%) retoque curto+invasivo, invasivo nas faces superiores e curto nas faces inferiores.

A morfologia do retoque dominante é a do tipo escamosa, observável em trinta e uma peças (65%). Segue-se o tipo sub-paralelo, em doze pontas de seta (25%). Sucede-se o tipo paralelo, em duas peças (4%). Tal como ocorrem combinações de diferentes tipos de extensão do retoque, também se observam combinações de diferentes tipos de morfologias. Assim sendo, o tipo escamoso+sub-paralelo está representado em duas peças (4%), enquanto o tipo escamoso+paralelo surge apenas numa peça (2%). Fica registado que nestas combinações o tipo escamoso ocorre em todas as faces superiores.

É de notar que pode existir alguma relação entre os retoques cobridores e invasivos e a morfologia escamosa, uma vez que foram detetadas catorze peças com extensão cobridora e nove com extensão invasiva associados a uma morfologia escamosa do retoque.

Relativamente à inclinação do retoque, o tipo rasante surge em vinte e sete peças (56%). Segue-se o tipo semi-abrupto, observável em dezanove exemplares (40%), e, por fim, a combinação dos tipos rasante+semi-abrupto, em apenas duas pontas de seta (4%). Neste tipo de combinação de inclinações, o retoque rasante surge do lado esquerdo.

No conjunto analisado existem sete pontas de seta (1080, 1086, 1088, 1092, 1116, 1164, 1202) com os bordos serrilhados, sendo que duas delas (1164, 1202) têm apenas

um dos bordos serrilhados, nomeadamente o direito. Notamos que, neste conjunto, este procedimento só foi aplicado em pontas de seta em sílex.

Por último, neste parágrafo não é analisado o retoque mas sim a sua ausência. Isto quer dizer que a extensão curta ou longa do retoque nas pontas de seta permite visualizar nervuras, talões ou até bolbos e, com isso, é possível determinar o tipo de suporte original utilizado, tendo também em conta as dimensões, a secção transversal e o perfil da peça. Juntando estas características, conseguimos concluir que não foram utilizadas lâminas na produção das pontas de seta com retoque curto ou longo.

4.3.5. Índices de alongamento e espessura

De acordo com o gráfico que se segue (fig. 2), podemos observar que para a produção das duas peças em quartzo leitoso foram utilizados suportes mais espessos e alongados comparativamente às restantes peças. Este facto estará relacionado com a aptidão para o talhe do quartzo leitoso ou poderá corresponder a uma padronização técnica? Sem dúvida que temos de ter em conta o facto de só existirem dois exemplares desta matéria-prima no conjunto recolhido em escavação.

Em relação às peças em sílex, na figura são observáveis dois pares de pontas de seta (1102 e 1131; 1100 e 1182) com índices de alongamento e espessura bastante aproximados, denunciando a correspondência com as pontas de seta triangulares de base convexa, remetendo-nos para a hipótese de uma possível padronização de fabrico.

Existe um terceiro par de pontas de seta (1136 e 1205) com índices de alongamento e espessura idênticos, correspondendo a pontas de seta triangulares de base convexa e de base pedunculada.

Por último, podemos observar mais um par de pontas de seta (1144 e 1159) partilhando índices de alongamento e de espessura que rondam os mesmos valores. Contudo, correspondem a pontas de seta triangulares de base convexa produzidas em matérias-primas diferentes.

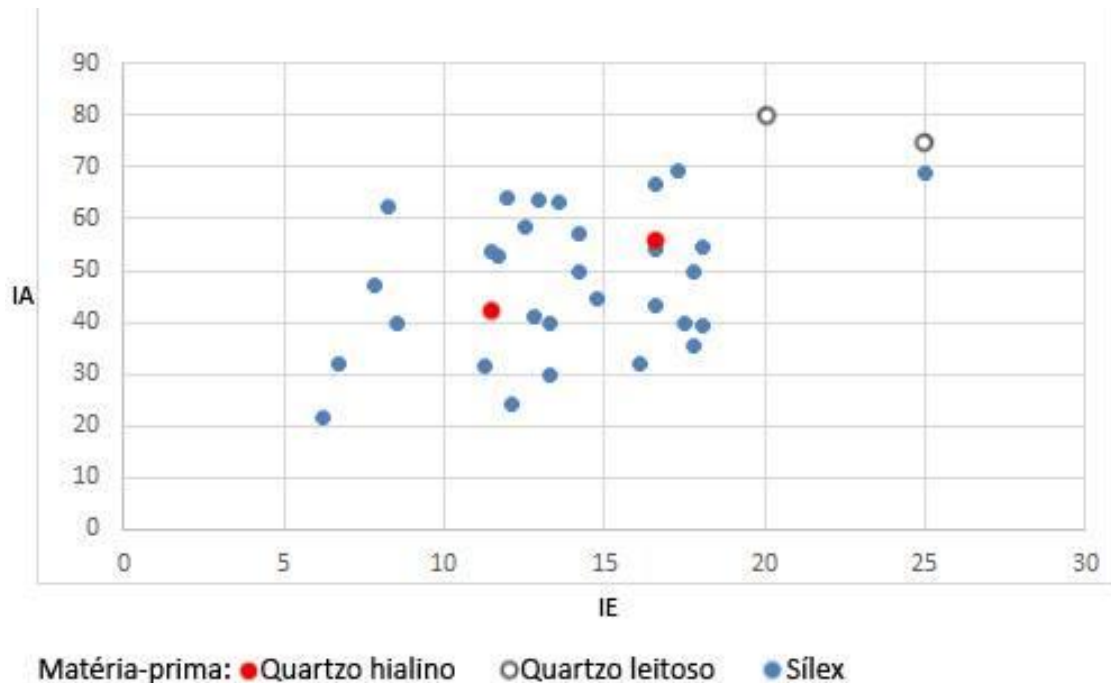


Figura 2 – Relação dos índices de alongamento (IA) e espessura (IE) das pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante

4.3.6. Distribuição espacial

Apesar da perturbação do depósito arqueológico, observada principalmente nos lados norte da câmara e do corredor onde estavam ausentes alguns esteios, resolvemos projectar em planta a distribuição das pontas de seta. Utilizou-se a planta inicial (superfície), uma vez que ainda não estão editadas as plantas dos sucessivos planos de escavação (Figura 3). A correlação da distribuição das pontas de seta com os restantes materiais recolhidos em escavação será efetuada aquando da elaboração do relatório desta intervenção arqueológica. De qualquer modo pode referir-se que a concentração de pontas de seta acompanha a concentração de restos ósseos humanos, identificada no lado interior sul da câmara funerária. Desta forma, iremos focar-nos sobretudo no registo espacial das pontas de seta exumadas da câmara funerária, articulando-o com a sequência estratigráfica registada em escavação.

Tendo em conta que não sabemos ao certo o número de enterramentos e se ocorreram deposições secundárias, este procedimento indicou-nos uma possível proximidade espacial horizontal entre as pontas de seta de base pedunculada e de base

convexa (1088 e 1129; 1144 e 1205; 1159 e 1160; 1167 e 1224). Verticalmente, ambas as pontas de seta com as referências 1159 e 1160 foram exumadas da U.E. [11]. Contudo, estas pontas de seta foram recolhidas numa área exterior, mas próxima da câmara funerária. As restantes pontas de seta indicadas entre parêntesis foram recolhidas em diferentes U.E's.

Existe também alguma proximidade horizontal entre as pontas de seta de base convexas e as foliáceas. As pontas de seta com as referências 1163 e 1164 foram ambas recuperadas da U.E. [11]. No entanto, foram recolhidas da área de violação da câmara funerária, e, mais especificamente, do espaço anteriormente ocupado pelo esteio em falta (canto Noroeste). Acrescenta-se ainda que as pontas de seta 1136 e 1137 têm igualmente proximidade horizontal, tendo ambas sido recolhidas da U.E. [11].

Em seguida, constata-se a proximidade horizontal entre as pontas de seta de base convexa e as losânicas. Referimo-nos às pontas de seta exumadas da U.E. [10]: 1099 e 1100; 1080 e 1082.

Indicamos também a proximidade horizontal entre a única ponta de seta de base bicôncava (1078) e uma ponta de seta de base pedunculada (1216), embora provenham de diferentes U.E's.

Por último, resta referir a proximidade horizontal existente entre uma ponta de seta de base côncava (1092) e uma ponta de seta de base convexa (1139), recolhidas de diferentes U.E.'s.

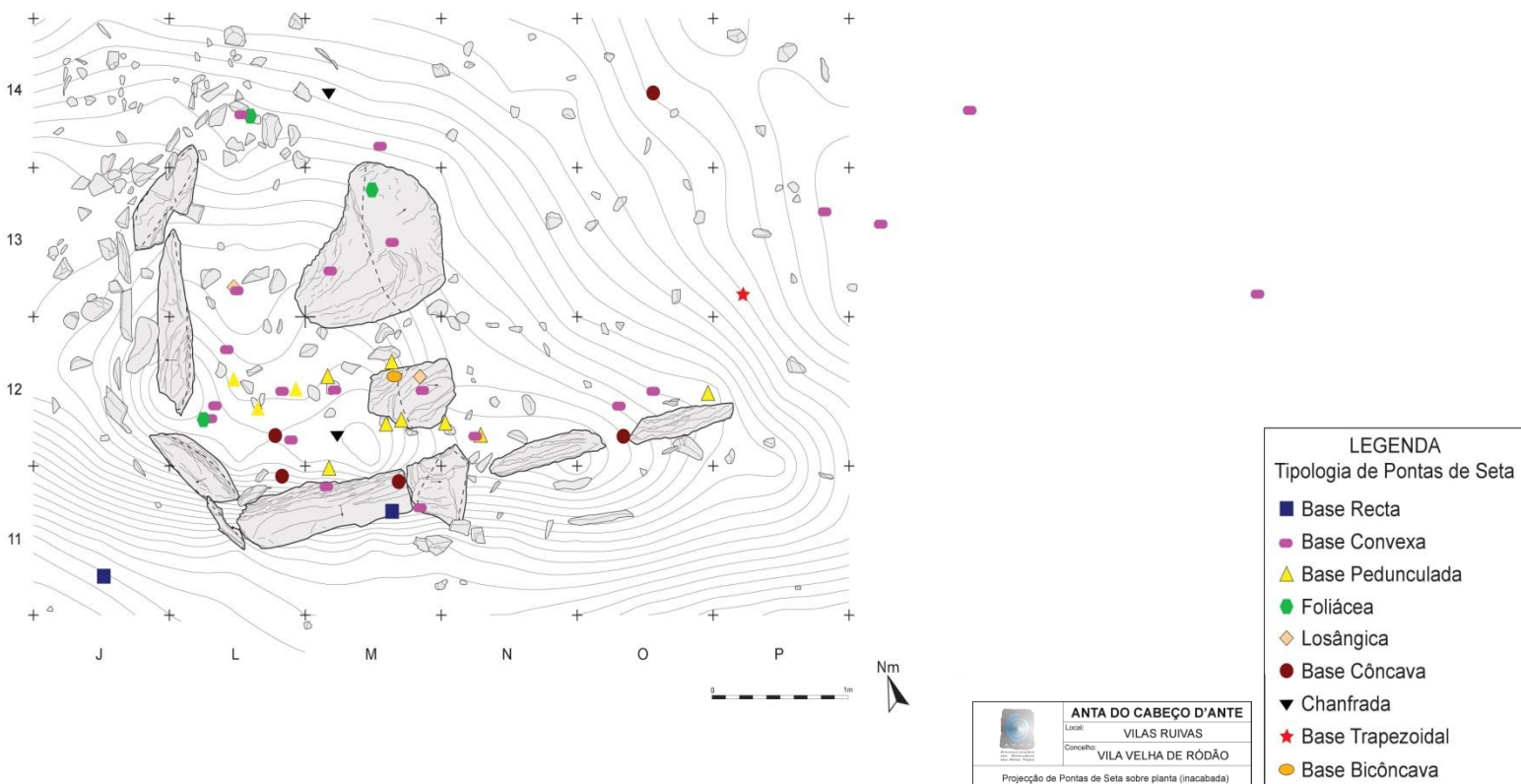


Figura 3 - Projeção das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante sobre planta de superfície.

4.3.7. Análise descritiva

Com o propósito de facilitar a todos os interessados uma comparação com outros contextos, segue-se a análise descritiva de cada ponta de seta, sendo que a sua consulta deve ser complementada com as fotografias, desenhos e tabelas, disponíveis nos anexos II, III, IV e V. A descrição detalhada de cada peça segue a ordem presente no inventário de todo o espólio recolhido nas várias campanhas arqueológicas da anta do Cabeço d'Ante.

1005 – Ponta de seta triangular em sílex cinzento-claro de base côncava, com o bordo direito sinuoso e o bordo esquerdo reto. A peça é constituída apenas pelas partes mesial e proximal. A parte proximal encontra-se também fragmentada, existindo apenas uma das extremidades. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição

total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. Peça de perfil reto e secção transversal plana.

1008 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-escuro de base convexa e de bordos ligeiramente convexos e assimétricos. Peça fragmentada na parte distal. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão curta, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante. Sendo uma peça pouco retocada, é visível a olho nu uma nervura na face superior. Ponta de seta de perfil ligeiramente arqueado e com secção transversal triangular.

1014 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-escuro de base convexa, tomando uma forma arredondada, e bordos convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão curta, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante+semi-abrupta. A face superior apresenta uma nervura. Peça com perfil reto e de secção transversal irregular.

1015 – Ponta de seta triangular em sílex cor-de-rosa, de base côncava e bordos ligeiramente convexos. A peça encontra-se ligeiramente fragmentada na parte distal. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora na face superior e invasiva na face inferior, de morfologia escamosa e de inclinação rasante. Ponta de seta apresentando um perfil reto e secção transversal plana.

1017 – Ponta de seta triangular em sílex branco, de corpo alongado e estreito, de base convexa e bordos retos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1050 – Ponta de seta triangular em sílex de tons avermelhados e amarelados, de base pedunculada e com bordos retos. A peça está fraturada na sua parte distal. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, com extensão de carácter cobridor, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1058 – Ponta de seta triangular em sílex branco juntamente com algumas manchas acinzentadas, de base convexa e bordos ligeiramente convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, morfologicamente escamoso e de inclinação semi-abrupta.

1061 – Ponta de seta triangular em sílex branco de base trapezoidal, de bordos retos e com aletas incipientes. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. Esta peça conserva o talão, o que aparentemente faz com que a base adquira aquela forma.

1078 – Ponta de seta triangular em sílex de tons rosados e acastanhados, de base bicôncava e de bordos retos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1080 – Ponta de seta triangular em sílex amarelo alaranjado de base convexa, com bordos ligeiramente convexos e serrilhados. Aparentemente, a face superior apresenta córtex, diferenciando-se do núcleo pela textura e pela cor. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão curta+longa, de morfologia sub-paralela e de inclinação semi-abrupta. A face superior apresenta o que aparenta ser parte do córtex do suporte talhado.

1082 – Ponta de seta losângica em sílex castanho-escuro avermelhado e bordos maioritariamente retos. Em relação ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1086 – Ponta de seta triangular de corpo alongado e estreito em sílex de tons brancos, pretos e cinzentos de base pedunculada e bordos retos serrilhados. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia sub-paralela e de inclinação semi-abrupta. Peça de perfil reto e de secção transversal irregular.

1088 – Ponta de seta triangular em sílex de tons rosados, de base pedunculada e bordos ligeiramente serrilhados e convexos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante+semi-abrupta (lado esquerdo e direito, respetivamente). Ponta de seta com perfil reto e secção transversal irregular.

1092 – Ponta de seta triangular em sílex castanho com tons brancos de base côncava e bordos ligeiramente convexos e serrilhados. A peça apresenta a extremidade proximal fraturada. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, cobrindo a peça em toda a sua extensão, sendo morfologicamente escamoso e de inclinação rasante.

1099 – Ponta de seta losângica em sílex cinzento de base convexa de formato triangular e bordos ligeiramente retos. Em relação ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1100 – Ponta de seta triangular em sílex cinzento de base convexa de formato triangular e de bordos ligeiramente convexos. Quanto ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. A peça conserva o talão.

1102 – Ponta de seta triangular em sílex preto com manchas cinzentas e brancas, possuindo uma base convexa de formato triangular e bordos convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia sub-paralela e de inclinação semi-abrupta. Ponta de seta com perfil reto e secção transversal triangular.

1107 – Ponta de seta triangular de corpo estreito em sílex castanho-claro, de base convexa de formato triangular e bordos ligeiramente côncavos. A ponta de seta apresenta uma pequena fratura na parte distal. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva+cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. Peça com perfil arqueado e secção transversal irregular.

1108 – Ponta de seta triangular em sílex cinzento, de base convexa e bordos retos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia maioritariamente sub-paralela e de inclinação rasante. Ponta de seta com perfil reto e secção transversal plana.

1116 – Ponta de seta foliácea em sílex castanho-claro e esverdeado, de bordos convexos e ligeiramente serrilhados. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva na face superior e curta na face inferior, de morfologia paralela e de inclinação semi-abrupta. A peça conserva o bolbo, ainda que levemente retocado, e o talão.

1126 – Ponta de seta de base chanfrada em sílex branco com manchas rosa e de bordos retos. A extremidade proximal encontra-se fragmentada, assim como o extremo distal da peça. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1128 – Ponta de seta triangular em sílex avermelhado e acastanhado, de base pedunculada e bordos convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora na face superior e invasiva na face inferior, de morfologia sub-paralela e de inclinação semi-abrupta. Peça de secção que apresenta um perfil sinuoso e uma secção transversal do tipo triangular.

1129 – Ponta de seta triangular em quartzo leitoso de base convexa com formato arredondado e bordos ligeiramente convexos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante. Ponta de seta com perfil reto e secção transversal plana.

1131 – Ponta de seta triangular em sílex branco, com corpo alongado e estreito, de base convexa e bordos ligeiramente côncavos, contendo ainda duas aletas rudimentares. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia sub-paralela e de inclinação semi-abrupta.

1134 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-avermelhado de base pedunculada, aletas oblíquas desenvolvidas e bordos retos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante. Ponta de seta de perfil reto e secção transversal irregular.

1136 – Ponta de seta triangular em sílex amarelo-torrado e acastanhado de base convexa de formato triangular e de bordos ligeiramente convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão curta, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. Visto ser uma peça pouco retocada, conservou-se uma nervura na face superior, longitudinal ao eixo vertical da peça.

1137 – Ponta de seta foliácea em sílex castanho-claro contendo manchas vermelhas, de bordos convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante. Peça de perfil reto e secção tipo triângulo isósceles. O talão desta peça ficou conservado, podendo ser encontrado no extremo proximal da peça.

1139 – Ponta de seta triangular em sílex tricolor (branco, preto, castanho-claro), de base convexa de formato triangular e de bordos tendencialmente retos. Quanto ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1144 – Ponta de seta triangular em sílex cinzento e bege, de base convexa de forma arredondada e de bordos ligeiramente convexos. A forma desta ponta de seta assemelha-se ao contorno de uma amêndoa. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1145 – Ponta de seta triangular em sílex tricolor (preto, bege, castanho-claro; contém ainda pequenas manchas brancas e vermelha), de base convexa de formato triangular e bordos convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de

extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante. Na peça ficou preservado o talão, localizando-se no extremo proximal da mesma.

1150 – Ponta de seta de base chanfrada em sílex castanho-claro e bordos retos. O extremo distal da peça encontra-se fragmentado. A parte proximal da peça fracturou-se aquando a escavação arqueológica e já se encontra totalmente restaurada. Relativamente ao retoque, a posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1154 – Ponta de seta triangular em sílex cor-de-rosa claro de base pedunculada e de bordo direito ligeiramente reto e bordo esquerdo convexo. A extremidade distal da peça encontra-se fragmentada. Quanto ao retoque, a sua posição é bifacial, repartido totalmente pela peça, cobrindo-a em toda a sua extensão, sendo ainda morfologicamente escamoso e de inclinação rasante.

1159 – Ponta de seta triangular em quartzo hialino de base convexa, com aletas rudimentares e de bordos ligeiramente retos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora na face superior e invasiva na face inferior, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1160 – Ponta de seta triangular em sílex branco e castanho-claro (contendo ainda pequenas manchas avermelhadas), de base pedunculada. O extremo distal da peça encontra-se fraturado. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta.

1163 – Ponta de seta triangular em quartzo leitoso de base convexa com formato arredondado e bordos tendencialmente convexos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa+paralela e de inclinação rasante. Peça de perfil reto e secção transversal irregular.

1164 – Ponta de seta foliácea em sílex bicolor (castanho-claro e vermelho) de bordos convexos, e um deles, o bordo direito, encontra-se serrilhado. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva+curta, de morfologia escamosa e de inclinação rasante. Nesta ponta de seta ficou conservado o talão, localizado no extremo proximal da mesma.

1167 – Ponta de seta triangular em quartzo hialino, de base convexa de formato triangular e com bordos convexos. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1171 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-claro, de base reta e bordos retos. Uma porção da parte distal está fraturada, embora seja possível caracterizá-la. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1182 – Ponta de seta triangular de base convexa em sílex castanho-claro, com bordos ligeiramente côncavos. A sua base tem um formato triangular e, em relação ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1194 – Ponta de seta triangular em sílex cinzento-escuro, de base côncava e bordos retos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1201 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-claro, de base convexa e bordos retos. Quanto ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante. Peça com perfil reto e secção transversal irregular.

1202 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-claro, de base reta e bordos tendencialmente retos, sendo que apenas o bordo direito é serrilhado. A posição do retoque é bifacial, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia sub-paralela e de inclinação rasante. Ponta de seta com perfil arqueado e secção transversal irregular.

1205 – Ponta de seta triangular em sílex de tons cor-de-rosa, de base pedunculada e bordos ligeiramente convexos. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia escamosa+sub-paralela e de inclinação rasante. Peça com perfil arqueado e secção transversal tipo triângulo isósceles.

1213 – Ponta de seta triangular em sílex amarelo, aparentemente calcinado, de base pedunculada e bordos ligeiramente convexos. A parte mesial da peça foi fraturada durante a escavação arqueológica e não foi possível recolher os fragmentos a fim de fazer uma colagem. Contudo, vamos considerar que estaria completa. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia escamosa+sub-paralela e de inclinação rasante. Ponta de seta com perfil arqueado e secção transversal irregular.

1216 – Ponta de seta triangular em sílex castanho-claro e bege, de base pedunculada e bordos retos. O bordo direito apresenta-se serrilhado. O pedúnculo da peça aparenta estar fragmentado. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão longa+curta, de morfologia paralela e de inclinação rasante. Peça com perfil reto e secção transversal trapezoidal.

1224 – Ponta de seta triangular em sílex branco e castanho-claro, de base pedunculada e bordos ligeiramente convexos. Quanto ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, apresenta uma extensão invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação semi-abrupta. Esta ponta de seta conserva o talão.

1229 – Ponta de seta de base côncava em sílex castanho-claro e de bordos ligeiramente convexos. Um dos elementos que perfazem a extremidade proximal do artefacto encontra-se em falta. Relativamente ao retoque, a sua posição é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

1234 – Ponta de seta triangular em sílex branco e amarelo, de base convexa e bordos ligeiramente convexos, com aletas incipientes. A posição do retoque é bifacial, de repartição total, de extensão cobridora+invasiva, de morfologia escamosa e de inclinação rasante.

4.3.8. Enquadramento crono-tipológico

Em Arqueologia, a procura de paralelos é um exercício fundamental, uma vez que permite estabelecer relações de ordem cronológica e, até certo ponto, cultural, não dispensando uma boa correlação com a estratigrafia e a obtenção de datas absolutas.

Deste modo, os nove grupos tipológicos das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante encontram paralelos desde o Neolítico Final na região da Beira Baixa, Alto Alentejo e Estremadura espanhola (Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Nisa, Castelo de Vide, Marvão, Alter do Chão, Cedillo). Também foi necessário alargar a pesquisa de paralelos à região da Beira Alta, uma vez que algumas peças não têm correspondências na região em estudo (cf. Anexo VI, Figura VI.1.).

Começamos pelas pontas de seta triangulares de base convexa. Têm paralelos no concelho de Idanha-a-Nova, na mamoa de Matafome (Sousa, 1991:197) e na anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997:18); no concelho de Castelo Branco encontramos-las nas antas do Ponsul (Ferreira, 2004:144, 145); no município de Cedillo, na anta da Charca Grande de la Regañada (Oliveira, 2003:261); em Castelo de Vide, nas antas da Tapada de Matos (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 314-325) e do Tapadão da Relva (*idem*:375); em Marvão, nomeadamente nas antas da Bola de Cera (*idem*:46-56), da Cabeçuda (*idem*:91-97), das Castelhanas (*idem*:125, 126) e dos Pombais (*idem*:152); e por fim, em Alter do Chão, entre o espólio das antas da Horta (Oliveira, 2006:132) e da

Soalheira (*idem*:165). Além dos contextos funerários, no *habitat* do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), datado do Neolítico Final (Cardoso *et al.*, 1998:61; Caninas, 2012:94), foi possível localizar um paralelo (Cardoso *et al.*, 1998:77).

As pontas de seta triangulares de base pedunculada têm paralelos no concelho de Vila Nova de Paiva, na orca do Tanque (Leisner, 1998: Est. 37); em Idanha-a-Nova, na anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997:18); no concelho de Castelo Branco, nas antas do Ponsul (Ferreira, 2004:144, 145); em Castelo de Vide, nas antas II do Alcogulo (*idem*:198), da Tapada de Matos (*idem*:314-324) e II dos Coureiros (*idem*:227); em Marvão, na anta da Bola de Cera (*idem*:48, 49); em Alter do Chão, na anta da Horta (Oliveira, 2006:132).

Já as pontas de seta triangulares de base côncava estão representadas em Idanha-a-Nova, na anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997:18); no município de Castelo Branco, nomeadamente nas antas do Ponsul (Ferreira, 2004:144, 145); em Vila Velha de Ródão, entre o espólio das mamoas da Charneca das Canas (Silva, 1991:Figs. 9 e 10) e da Charneca das Vinhas (Caninas *et al.*, 2009:121-123); no concelho de Nisa, na anta II de S. Gens (Oliveira, 1999-2000:184); em Castelo de Vide, nas antas II e IV dos Coureiros (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 222, 254, 255), da Tapada de Matos (*idem*:323, 324), II do Alcogulo (*idem*:198), do Porto Aivado (*idem*:292); em Marvão, na anta das Castelhanas (*idem*:125). Do *habitat* neo-calcolítico da Charneca do Fratel, localizado em Vila Velha de Ródão, foram exumadas pontas de seta de base côncava (Caninas, 2012:94). Contudo, estes artefactos não estão publicados, e por isso não foi possível averiguar sobre a existência de paralelos.

Para a ponta de seta triangular de base bicôncava e bordos retilíneos não conseguimos localizar nenhum paralelo, mas tal pode dever-se a insuficiência de pesquisa da nossa parte e à sua presumida maior raridade.

As foliáceas estão presentes no município de Cedillo, entre o espólio do dólmen da Charca Grande de la Regañada (Oliveira, 2003:261); no concelho de Castelo de Vide, nas antas II do Alcogulo (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 198), da Tapada de Matos (*idem*:318, 326) e do Tapadão da Relva (*idem*:380); em Marvão, na anta da Cabeçuda (*idem*:92, 93).

Para as pontas de seta chanfradas conhecem-se paralelos em Vila Velha de Ródão, entre o espólio da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1991:Figs. 9 e 10); em Castelo

de Vide encontramos-los nas antas IV dos Coureiros (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 255), II do Alcolgulo (*idem*:195), da Tapada de Matos (*idem*:328); no concelho de Marvão, na anta da Cabeçuda (*idem*:95).

As pontas de seta losângicas estão presentes em Idanha-a-Nova, na anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997:18); em Castelo de Vide, nas antas da Tapada de Matos (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 314) e do Tapadão da Relva (*idem*:381); em Marvão, nas antas da Cabeçuda (*idem*:91) e dos Pombais (*idem*:152); e por fim, em Alter do Chão, na anta da Horta (Oliveira, 2006:132).

As pontas de seta triangulares de base reta estão documentadas em Idanha-a-Nova, nas antas 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997:18) e 5 do Amieiro (Cardoso, *et al.*, 2003:193); em Castelo de Vide, nas antas II e IV dos Coureiros (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 227, 254) e da Tapada de Matos (*idem*:321); no concelho de Marvão, nas antas da Cabeçuda (*idem*:94) e das Castelhanas (*idem*:124); em Alter do Chão, na anta da Soalheira (Oliveira, 2006:165).

A ponta de seta triangular de base trapezoidal tem paralelos em Marvão, nas antas da Bola de Cera (Oliveira, 2011, Anexo DVD: 48) e da Cabeçuda (*idem*:95), assim como em Alter do Chão, na anta da Soalheira (Oliveira, 2006:165).

No nosso estudo, o passo seguinte consistiu em relacionar e cruzar informação sobre a tipologia arquitetónica dos sepulcros megalíticos e a dos seus espólios funerários, nomeadamente das pontas de seta recolhidas para as quais temos paralelos em Cabeço d'Ante. Durante a pesquisa bibliográfica foram encontradas pontas de seta associadas a elementos datados por radiocarbono, provenientes da anta das Castelhanas (Oliveira, 2000:147). No entanto, não é possível através de uma análise comparativa estabelecer a integração dessa datação absoluta, uma vez que o autor não refere quais são as pontas de seta, apenas descrevendo-as como “de base reta, ou convexa” (*ibidem*). De resto, não encontramos pontas de seta associadas a elementos datados por radiocarbono nos monumentos megalíticos comparáveis com cabeço d'Ante, não possibilitando a integração de datações absolutas através de uma análise comparativa. Ainda assim, pretendemos registar presenças e ausências na anta do Cabeço d'Ante, reflectindo sobre a sua cronologia relativa.

De acordo com Rui Boaventura (2009: 235-236), o casal Leisner serviu-se do exemplo da Praia das Maças para defender “uma certa anterioridade relativa” das pontas

de seta de base convexa e pedunculada, revelando-as “como os primeiros tipos de pontas de seta”. Essa opinião era baseada no retoque das pontas, que “não cobriria totalmente as peças, notando-se ainda o seu suporte laminar original, algo que se modificaria nas pontas com bases côncavas e retoque mais abrangente” (*ibidem*).

Aludindo a este facto, relembro que se contam quatro pontas de seta de base convexa do nosso conjunto que possuem retoque bifacial curto e/ou curto+longo, nos quais as nervuras do suporte de algumas peças ainda são visíveis. É necessário frisar que um destes exemplares encontra um paralelo entre o espólio exumado durante as escavações arqueológicas no Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), ocupação datada do Neolítico Final (Cardoso *et al.*, 1998:61). Contudo, o retoque bifacial dos restantes dezassete exemplares desta tipologia afigura-se como invasivo, cobridor e/ou invasivo+cobridor. De base pedunculada existe apenas um exemplar com retoque bifacial curto+longo. Os restantes têm retoque bifacial invasor, cobridor e/ou invasivo+cobridor.

Assim sendo, nem todos os projéteis de base convexa e pedunculada do nosso conjunto suportam a afirmação citada por Rui Boaventura (2009), visto que entre um número reduzido de pontas, o retoque aplicado deixou visível grande parte do suporte original. Atendendo a isto, é possível que algumas pontas de seta de base convexa e pedunculada, de retoque bifacial cobridor, tenham sido contemporâneas dos projéteis de base côncava e reta. Pode isto significar que as pontas de base convexa e base pedunculada mais retocadas da anta do Cabeço d’Ante são mais tardias, relativas aos primeiros séculos do III milénio a.C.? Pode ser, ainda, o resultado de uma proximidade cultural entre a região da Beira Baixa e as regiões do Norte de Portugal e da Galiza, “onde a ponta de seta de base triangular é predominante” (Cruz *et al.*, 1988/89:41)?

A heterogeneidade do conjunto de pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante e de outros conjuntos provenientes de outros monumentos, tais como das antas da Bola de Cera, II do Alcogulo, da Tapada de Matos, do Tapadão da Relva, 2 do Couto da Espanhola, pode ser explicada através de uma utilização de longa diacronia do espaço sepulcral dos monumentos ou de reutilizações pontuais ao longo do milénio que sucedeu à sua construção. Ambas as hipóteses podem ser explicadas pela presença de pontas de seta de base côncava e de base reta, consideradas tardias, conectas com momentos do III milénio a. C. (Forenbaheer, 1999:81; Boaventura, 2009:238). É importante ter em consideração a quantidade reduzida destes tipos de projéteis na anta do Cabeço d’Ante e nos monumentos acima referidos. Em suma, “esta realidade deverá ter, por certo,

incidência de ordem cronológico-cultural, sendo tanto mais modernos os conjuntos onde as pontas de seta de base côncava mais predominarem” (Caninas, *et al.*, 2009:122). O que é facto é que “nos espólios dos sepulcros de construção atribuível essencialmente ao 3º milénio a.n.e., como os *tholoi*, onde apesar de um decréscimo de pontas de seta no espólio funerário, as de tipo 2 surgem com frequência” (Boaventura, 2009:238). Quando Rui Boaventura (2009) escreve “de tipo 2”, refere-se às pontas de seta de bases côncavas e retas. Uma vez que as tipologias consideradas mais antigas estão presentes na anta do Cabeço d’Ante e ausentes nas mamoas da Charneca das Canas e da Charneca das Vinhas, onde existe exclusividade tipológica de pontas de seta tardias, estes três monumentos podem ter eventualmente coexistido durante o Calcolítico, embora a construção da anta do Cabeço d’Ante possa ser atribuída ao Neolítico Final.

Na mamoa da Charneca das Canas merece referência um tipo específico de ponta de seta citado em anteriores publicações (Caninas *et al.*, 2009:122). Trata-se da peça número 15 da figura 9 em “Mamoas da Charneca das Canas”, de Fernando Pereira da Silva (1991:Figs. 9 e 10), que se assemelha a uma ponta de seta do tipo “Alcalar”, tipologia baseada nos exemplares recolhidos na necrópole de Alcalar (Portimão) (Forenbaher, 1999:79). A peça é uma “ponta de seta em sílex, com fratura da ponta e de uma aleta, bordos convergentes e base côncava com aletas alongadas” (Silva, 1991:13) e tem como paralelo uma ponta de seta, também em sílex, recolhida durante as escavações do Monumento I neo-calcolítico da necrópole de Alcalar. Este paralelo foi encontrado graças a uma útil ferramenta de trabalho, o catálogo *on-line* “MatrizNet”. A recolha de uma peça com esta tipologia pode exprimir a existência de redes de contactos e trocas de longa distância. As restantes pontas de seta da mamoa da Charneca das Canas, aliás, todo o seu conjunto de pontas, assemelha-se tipologicamente - e não quantitativamente - às pontas de base côncava dos monumentos funerários 1 e 2 do complexo arqueológico dos Perdigões, estudadas e publicadas por Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho (2016:fig. 9, 10, 11). Ambos os monumentos referidos estão datados do segundo quartel do III milénio a. C. (*idem*:33). Como já foi referido anteriormente, ao conjunto de pontas da mamoa da Charneca das Canas não pertencem pontas de base pedunculada, assim como não é referido terem sido recolhidas pontas da mesma tipologia nos monumentos 1 e 2 dos Perdigões. Esta semelhança sugere que a mamoa da Charneca das Canas e os monumentos 1 e 2 dos Perdigões estão mais próximas cronologicamente. Este pressuposto reflete ainda a existência de uma certa homogeneidade cultural partilhada

entre a região da Beira Baixa e do Alentejo, nomeadamente no que concerne às práticas funerárias associadas ao megalitismo. De modo a reforçar a cronologia atribuída à mamoa da Charneca das Canas, foi possível localizar este monumento “em momento ou momentos do III milénio a.C.”, através de uma “avaliação estritamente tipológica” do espólio cerâmico (Caninas, 2012:113).

Em relação à mamoa da Charneca das Vinhas, do conjunto artefactual lítico recolhido, semelhante ao da mamoa da Charneca das Canas, existem vinte e quatro pontas de seta, classificadas pelos autores como sendo todas de base côncava (Caninas *et al.*, 2009:122). Todavia, de acordo com a nossa tipologia, existem três tipos de pontas de seta da mamoa da Charneca das Vinhas: vinte de base côncava, uma chanfrada e três “Torre Eiffel”. Transcrevemos breve descrição de Gertrudes Branco (2007:82), idêntica a uma anterior de Stašo Forenbaher (1999:78), daquilo que se entende por ponta de seta tipo “Torre Eiffel”: “ponta de seta caracterizada por possuir as faces e a base côncava que se prolonga por dois pequenos espigões, assemelhando-se à forma arquitetónica que lhe dá o nome”. Este tipo de ponta é comum na região estremenha (Sousa & Gonçalves, 2012:390), nomeadamente, a título de exemplo, nos povoados calcolíticos de Pico Agudo (Torres Vedras) (Forenbaher, 1999:79), Vila Nova de S. Pedro (Santarém) (*idem*, 1999:78), Leceia (Oeiras) (Cardoso & Martins, 2013:522), Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) (Cardoso, 2014:262), Outeiro Redondo (Sesimbra) (Cardoso, 2013:696), Penha Verde (Sintra) (Cardoso, 2010/2011:481), o que indica, mais uma vez, a receção na Beira Baixa de conteúdos de origem transregional. O espólio deste monumento aponta para “uma cronologia avançada dentro do fenómeno megalítico, em pleno Calcolítico” (Caninas *et al.*, 2009:136).

O cruzamento da informação sobre as tipologias dos projéteis e as arquiteturas dos monumentos megalíticos tornou-se, de certa forma, inconclusivo no que diz respeito à região de Vila Velha de Ródão. A isto se deve o facto de as mamoas da Charneca das Vinhas e da Charneca das Canas possuírem câmara e corredor impossíveis de caracterizar, devido ao seu mau estado de conservação (Caninas, 2012:113). Decididamente, os seus conjuntos de projéteis atribuem-lhes uma época de utilização posterior à da anta do Cabeço d’Ante. Pode isto revelar a construção, em período Calcolítico, da mamoa da Charneca das Vinhas, atestado também pela deposição das pontas de base côncava “na câmara e em torno da entrada do monumento” (Caninas *et al.*, 2009:136)? Aplicar-se-á o mesmo à mamoa da Charneca das Canas, onde o horizonte cronológico-cultural é

idêntico? Aos sepulcros de corredor curto (anta II de S. Gens, da Bola de Cera, da Cabeçuda, das Castelhanas, dos Pombais, da Horta e da Soalheira) e longo (Orca do Tanque, antas 2 do Couto da Espanhola, da Charca Grande de la Regañada, do Tapadão da Relva, II do Alkogulo, II dos Coureiros, IV dos Coureiros, da Tapada dos Matos), correspondem conjuntos de pontas de seta com diversas tipologias. Sem dúvida que a diversidade tipológica dos conjuntos não auxilia a atribuição de uma cronologia. É a homogeneidade tipológica, que caracteriza os conjuntos de pontas de seta das mamoadas da Charneca das Canas e da Charneca das Vinhas que torna possível um intervalo cronológico mais objetivo.

Assim sendo, defende-se a construção do monumento em momentos posteriores à primeira metade do IV milénio a.C., com base nas pontas de seta de base convexa e pedunculada menos retocadas. O *terminus post quem* é-nos dado pela deposição de pontas de seta de base côncava e reta, remetendo para o período de transição entre o IV e III milénio a.C.. Explicamos então a presença destas duas tipologias, uma vez que “o tempo dos monumentos é longo na paisagem, mas por vezes breve no rito” (Mataloto, 2007:125). Deste modo, a anta do Cabeço d’Ante permaneceu na memória das comunidades que habitavam a região que hoje tratamos por Vila Velha de Ródão, durante mais de um milénio, atestando a sua importância como elemento agregador, identitário e de apropriação do espaço.

5. Notas finais

A fechar este relatório importa tecer algumas considerações sobre o caminho percorrido até agora. Será importante destacar o papel fulcral do co-orientador, o Dr. João Carlos Caninas, uma vez que acompanhou e orientou todas as atividades realizadas durante o estágio, contribuindo particularmente com os seus conhecimentos de megalitismo funerário. Já o Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, orientador pela FCSH-UNL, transmitiu nas suas aulas o *know how* inerente aos processos de intervenção arqueológica em ambiente urbano, aos quais está subjacente a arqueologia empresarial. Foi esta a razão por detrás da sua escolha como orientador que conduziu à proposta de estágio numa empresa de arqueologia – a EMERITA, Lda..

E é precisamente no âmbito da arqueologia empresarial que se enquadram as atividades realizadas. Estas tomaram forma num conjunto diversificado de práticas, que contemplaram acompanhamento arqueológico de obras, sondagens de diagnóstico, escavações planeadas, a elaboração de uma base de dados e catálogo/inventário arqueológico, e o estudo de materiais.

Desta diversidade resultou experiência prática e a aquisição de conhecimentos e técnicas aplicáveis às mais variadas facetas do trabalho arqueológico – desde as fases de planeamento até à publicação e apresentação dos resultados, passando pela escavação e o registo, e contando ainda com a lida burocrática e legal inerente ao nosso trabalho. Este estágio enriqueceu-me a nível profissional, dotando-me de quase todas as faculdades necessárias para entrar no mercado de trabalho, desempenhando com método e qualidade qualquer trabalho que me seja proposto.

Este relatório não se limitou a uma simples descrição das atividades realizadas, sendo composto por uma importante componente científica, contribuindo, neste caso, para o conhecimento de uma das facetas das práticas funerárias das comunidades do Neolítico Final-Calcolítico da região de Vila Velha de Ródão, através da análise de um conjunto de pontas de seta depositado na anta do Cabeço d'Ante, muito significativo a nível regional em termos quantitativos e de diversidade tipológica.

Foi para mim evidente, uma vez mais, que a arqueologia empresarial não se deve limitar a uma lógica restrita ao lucro. Pelo contrário, estas empresas podem desempenhar um papel-chave no quadro da arqueologia nacional, contribuindo não só para a

salvaguarda do património e da cultura, mas também para a investigação e para a produção de conhecimento científico. Tem existido um esforço cada vez maior no que concerne à publicação e divulgação dos resultados das intervenções arqueológicas que realizam. No caso da EMERITA, Lda., temos o exemplo das publicações na sua revista *on-line* e *website*, mencionado anteriormente, assim como as parcerias com a AEAT, resultando em ações de investigação, divulgação e de valorização arqueológica centradas numa região. Estas parcerias constituem um bom exemplo de colaboração entre uma empresa e uma associação de âmbito regional, resultando na reunião e gestão de toda a informação arqueológica recolhida e, conseqüentemente, na produção de conhecimento científico de qualidade.

Infelizmente, esta não é a norma. São inúmeros os casos em que intervenções e/ou acompanhamentos arqueológicos não se refletem em publicações científicas, com um trabalho de investigação de fundo, estando por vezes ainda ausentes relatórios técnicos. Como causas, podemos destacar o volume de trabalho arqueológico, espalhado por várias empresas, e escassez de centros de estudo de âmbito regional, bem como a lacuna legal no que concerne à obrigatoriedade de entrega destes relatórios, a par da falta de pagamento para esse efeito.

As conseqüências são gravosas, e não se limitam a meros inconvenientes para o arqueólogo enquanto investigador. Corre-se o risco de perda definitiva de informação, comprometendo o nosso legado para o futuro, bem como a possibilidade do retorno social que cada vez mais é exigido à Arqueologia.

As soluções pautam-se por um conjunto de boas práticas, como as que a EMERITA, Lda. tem vindo a seguir e que foram sido apresentadas no presente relatório, mas também com uma mudança de fundo a várias escalas, começando pela legislação, passando pelos profissionais ligados à Arqueologia, e terminando na própria sociedade, reivindicando aquilo que é seu por direito.

6. Referências bibliográficas

ALARCÃO, Jorge; BARROCA, Mário (coord.) (2012) – *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.

BICHO, Nuno (2006) – *Manual de arqueologia pré-histórica*. Lisboa: Edições 70.

BOAVENTURA, Rui (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma possível recuperação de velhos e novos dados, Trabalhos de Arqueologia 20*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BOAVENTURA, Rui (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Doutoramento em Pré-História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob orientação do Professor Doutor Victor dos Santos Gonçalves.

BOAVENTURA, Rui; CARDOSO, João Luís (2010-2011) – “Reverendo os artefactos lascados da Anta de Pedras da Granja (Sintra)” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 18, pp. 175-199.

BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui (2013) – “Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 16, pp. 81-101.

BRANCO, Gertrudes (2007) – *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da Coleção Hipólito Cabaço, Trabalhos de Arqueologia 49*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; DE BALBÍN BEHRMANN, R. (2004) – “Construcciones megalíticas avanzadas de la cuena interior del Tajo. El núcleo cacereño” in *SPAL*, 13, pp. 83-112.

CANINAS, João Carlos (2012) - *As construções funerárias da pré-história recente na região de Castelo Branco no contexto da Carta Arqueológica Regional*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação da Professora Doutora Maria de Jesus Sanches.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1986) – “Os monumentos megalíticos do Olival dos Morouços (Vale de Pousadas, Vila Velha de Ródão)” in *Preservação*, 6.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1987) – “Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa” in *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1995) – “Exemplos de destruição do património arqueológico no sul da Beira Interior” in *Al-Madan*, Série II, nº 4, pp. 115-118.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (2008) – “O património arqueológico e o sector florestal” in *Actas das I Jornadas do Património*. Belmonte, pp. 1-20.

CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco; CARDOSO, João Luís (2009) – “A mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 12, n.º 2, pp. 99-138.

CARDOSO, João Luís (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

CARDOSO, João Luís (2010-2011) – “O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra)” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 18, pp. 467-551.

CARDOSO, João Luís (2013) – “O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados da primeira fase de escavações arqueológicas (2005-2008)” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 20, pp. 641-730.

CARDOSO, João Luís (2014) – “O povoado calcolítico fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira, Lisboa): resultados das escavações efectuadas (2003-2006)” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 21, pp. 217-294.

CARDOSO, João Luís; FERREIRA, O. da Veiga; CARREIRA, J. Roque (1996) – “O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior)” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 6, pp. 195-256.

CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1997) – “A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova)” in *Estudos Pré-Históricos*, vol. 5, pp. 9-28.

CARDOSO, João Luís; SILVA, Carlos Tavares da; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1998) – “A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão)” in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, vols. 3-4. Lisboa: Edições Colibri, pp. 61-81.

CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (2000) – “Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado” in GONÇALVES, Victor (ed.) *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia 16*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 195-214.

CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (2003) – “Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)” in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 21, pp. 151-207.

CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino (2010-2011) – “A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 18, pp. 333-392.

CARDOSO, João Luís; Martins, Filipe (2013) – “O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 20, pp. 357-524.

CARVALHO, António Faustino (1995-1996) – “O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal” in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, vols. 3-4. Lisboa: Edições Colibri, pp. 41-60.

CARVALHO, António Faustino (2008) – “O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 1. Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo” in *Praxis Archaeologica 3*, pp. 167-181.

CARVALHO, António Faustino (2009) – “O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 2. O estado actual da investigação” in *Praxis Archaeologica 4*, pp. 67-91.

CARVALHO, Nuno; CUNHA, Pedro; MARTINS, António; TAVARES, Alexandre (2006) – “Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão – contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal” in *Açafa*, n.º 7.

COSTA, Joaquim Botelho da Costa (2014) – *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 13.^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CRUZ, Domingos da; CUNHA, Ana Maria da; GOMES, Luís (1988-1989) – “A Orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres)” in *Portvgalia*, Nova Série, vol. IX-X, pp. 31-47.

DINIZ, Mariana (2000) – “Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço” in GONÇALVES, Victor (ed.) *Muitas antas, pouca gente? Actas do I colóquio*

Internacional sobre o Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia 16. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 105-116.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier; PALOMO LECHÓN, Sandra (2014) – “Materiales inéditos del Calcolítico procedentes de La Pestaña (Badajoz)” in *SPAL*, Vol. 23, pp. 121-136.

FERREIRA, Ana Margarida (coord.) (2004) - *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus.

FORENBAHER, Stašo (1998) – “Production and exchange during the portuguese Chalcolithic: the case of bifacial flaked stone industries” in *Trabajos de Prehistoria*, 55:2, pp. 55-71.

FORENBAHER, Stašo (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress [British Archaeological Reports International Series, 756].

FRANCISCO, Gibaja Juan; CARVALHO, António Faustino (ed.) (2012) – *Introdução do estudo de pedra lascada*. Lisboa: Edições Colibri.

GASPAR, Rita (2009) – *Estudo petroarqueológico da utensilagem lítica do sítio arqueológico Laginha 8 (Évora, Portugal). Análise de proveniências*. Dissertação de Mestrado em Geoarqueologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa sob orientação do Professor Doutor João Mata e do Professor Doutor Jorge Pedro.

GASPAR, Rita; PEDRO, Jorge & MATA, João (2009) – “Estudo arqueopetrográfico da utensilagem lítica do sítio neolítico da Lajinha 8 (Évora)” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 12, n.º 1, pp. 19-33.

GONÇALVES, Victor S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

HARRIS, Edward (1991) – *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (1986) – “Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa” in *Preservação*, 7.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (2004) – “O megalitismo na região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores” in FERREIRA, Ana Margarida (coord.) *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus, pp. 28-35.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (2007) – *Carta arqueológica de Vila Velha de Ródão – uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente* [disponível online em http://www.altotejo.org/userfiles/file/estudos_e_publicacoes_arqueo/carta_arqueologica_de_rodao.pdf, consultado em 05/01/2016].

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; MONTEIRO, Mário; PEREIRA, André; MENDES, Cátia; GOUVEIA, Jorge; PIRES, Hugo (2013) – A Calçada e a Barca da Telhada (Perais, Vila Velha de Ródão). AEAT/EMERITA.

INIZAN, M.-L.; REDURON-BALLINGER, M.; ROCHE, H.; TIXIER, J. (1999) – *Technology and Terminology of Knapped Stone*. Nanterre: Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques.

JORDÃO, Patrícia (2010) – *Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral)*. Dissertação de Mestrado em Geoarqueologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa sob orientação do Professor Doutor Nuno Pimentel e da Professora Doutora Mariana Diniz.

JORGE, Susana Oliveira (1978) – “Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal” in *Mínia*, 2.^a série, 1(2), pp. 99-175.

JORGE, Vítor Oliveira (1980) – “Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço” in *Portugália*, vol. 1, pp. 38-50.

KUNST, Michael (2000) – “A guerra no calcolítico na Península Ibérica” in *Era-Arqueologia*, n.º 2, pp. 128-142.

LEISNER, V.; KALB, P. (1998) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

MATALOTO, Rui (2007) – “Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, n.º 1, pp. 123-140.

MENDONÇA, Margarida; CARVALHO, António Faustino (2016) – “A componente em pedra lascada dos monumentos funerários 1 e 2 do complexo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)” in *Apontamentos de Arqueologia e Património*, vol. 11, pp. 33-45.

OLIVEIRA, Jorge de (1991) - *A anta da Nave do Padre Santo - Nisa (necrópole megalítica de Montalvão)* in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

OLIVEIRA, Jorge de (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Edições Colibri.

OLIVEIRA, Jorge de (1998) – “Antas e menires do Concelho de Marvão” in *Ibn Maruán*, 8, pp. 13-48.

OLIVEIRA, Jorge de (1998) – “A Anta da Joaninha e a da Era de los Guardias (Cedillo –Cáceres) no ambiente megalítico da foz do Sever” in *Ibn Maruán*, 8, pp. 203-246.

OLIVEIRA, Jorge de (1999-2000) – “A Anta II de S. Gens (Nisa)” in *Ibn Maruán*, 9-10, pp. 181-238.

OLIVEIRA, Jorge de (1999-2000) – “A Anta da Tapada de Matos (Castelo de Vide)” in *Ibn Maruán*, 9-10, pp. 239-261.

OLIVEIRA, Jorge de (2000) - “O megalitismo de xisto da Bacia do Sever (Montalvão – Cedillo)” in GONÇALVES, Victor (ed.) *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia, 16*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 135-158.

OLIVEIRA, Jorge de (2003) – “Questões por resolver no Megalitismo da Foz do Sever: o caso do dólmen da Charca Grande de la Regañada”, in GONÇALVES, Victor (ed.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia 25*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 251-268.

OLIVEIRA, Jorge de (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri; Évora: Universidade de Évora.

OLIVEIRA, Jorge de (2011) – “Trabalhos arqueológicos na Coudelaria de Alter” in *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.^{as} Jornadas*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 45-61.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1909) – *Anta da Urgueira*. Leiria: Typographia Leiriense.

SANTOS, Filipe; FIGUEIRA, Nádía (2011) – “The pre-megalithic (?) funerary monument of Eira da Vinha (Perais, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Portugal)” in *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*. Oxford: Archaeopress [British Archaeological Reports International Series, 2219].

SANTOS, Ivo; ROCHA, Leonor (2015) – “Contributo para o conhecimento da Anta Grande do Zambujeiro (Évora, Portugal): as pontas de seta” in *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora: CHAIA-UE, pp. 34-41.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de; VENTURA, José (2008) – “Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 16, pp. 317-350.

SILVA, Carlos Tavares da (1987) – “Megalitismo do Alentejo ocidental e do sul do Baixo Alentejo (Portugal)”, in *El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid, pp. 85-93.

SILVA, Fernando Augusto da (1991) – *Mamoá da Charneca das Canas (Fratel, Concelho de Vila Velha de Ródão)*. Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

SOARES, Joaquina (1988) – “O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final/Calcolítico da Região Ródão/Nisa – notícia preliminar” in *Alto Tejo*, n.º 2. Vila Velha de Ródão: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2000) – “Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas” in GONÇALVES, Victor (ed.) *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Trabalhos de Arqueologia, 16*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 117-134.

SOUSA, Ana Catarina; GONÇALVES, Victor S. (2012) – “In and out. Tecnologias, símbolos e cultura material. Interações e identidades regionais no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e.” in *Rubricatum 5 (Actes Congrès International Xarxes al Neolític – Neolithic Networks)*, pp. 383-392.

SOUSA, Lucília (1991) – “Sete mamões do concelho de Idanha-a-Nova” in: *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 183-199.

VALERA, António Carlos (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

Anexo I: Cartografia e fotografia geral

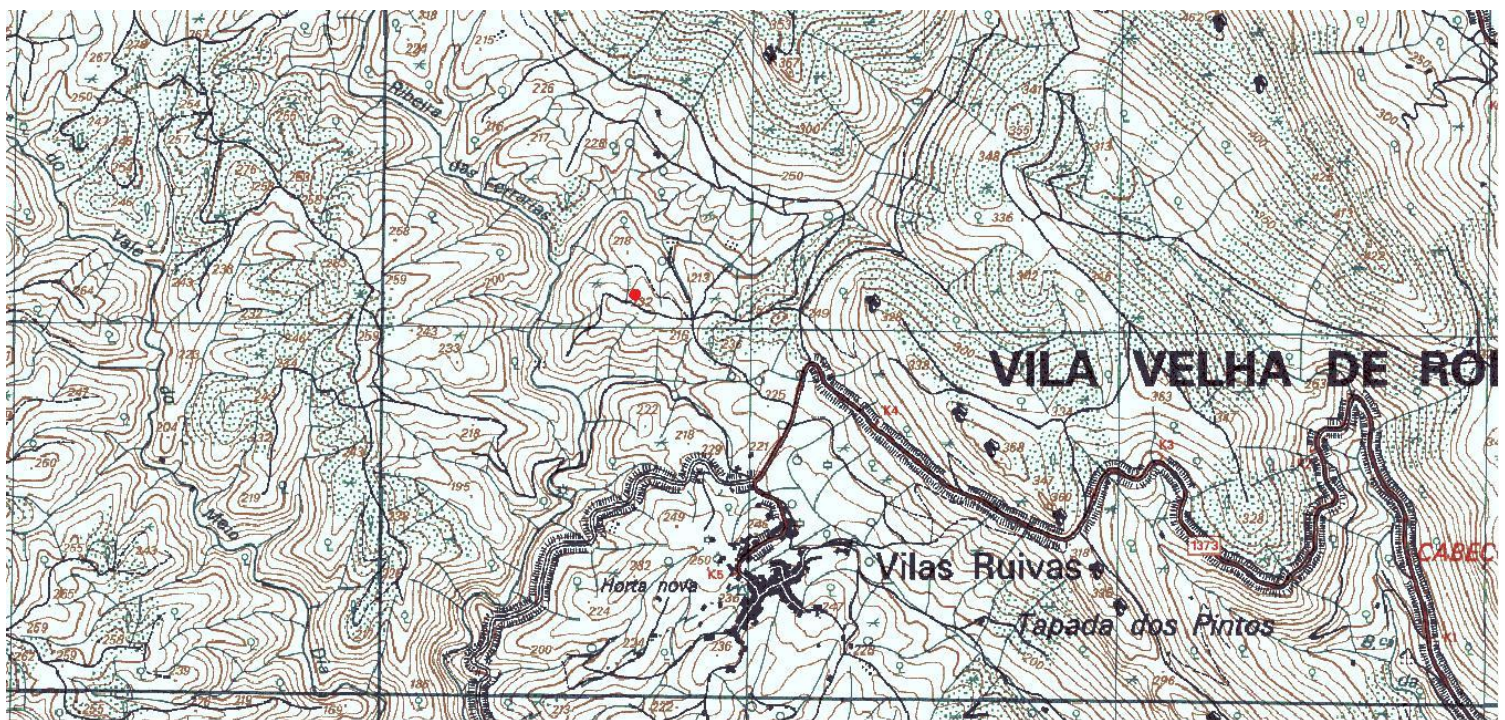


Figura I.1. – Localização da anta do Cabeço d’Ante em excerto da Carta Militar de Portugal N.º 314 (Vila Velha de Ródão) – Escala 1: 25 000, Série M 888, 2.ª Edição (1973). Instituto Geográfico do Exército.

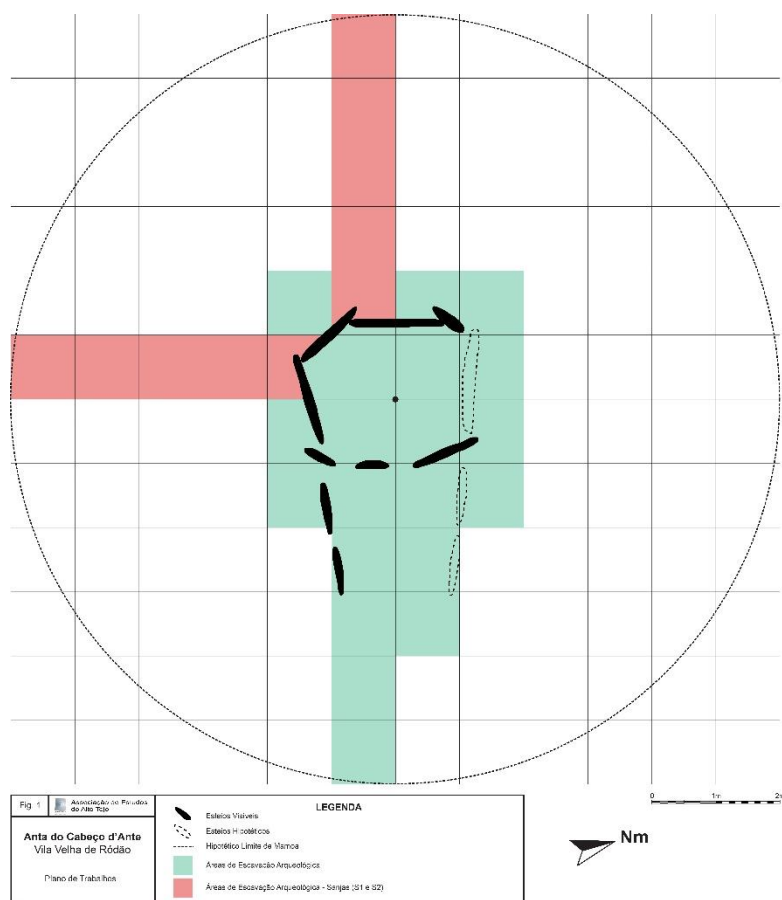


Figura I.2. – Planta da anta do Cabeço d’Ante (Vila Velha de Ródão) com proposta de intervenção arqueológica (Processo S – 02330, DGPC).



Figura I.3. – Fotografia da anta do Cabeço d’ Ante durante a intervenção arqueológica, tirada em Outubro de 2015 e de Este para Oeste.

Anexo II: Fotografias das pontas de seta da anta do Cabeço
d'Ante

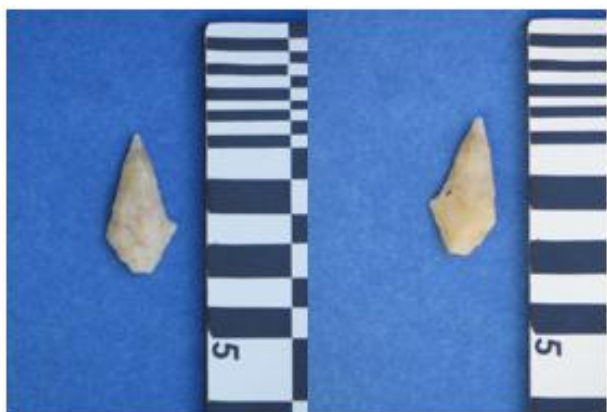


Figura II.1. – 1061: ponta de seta triangular de base trapezoidal (verso e anverso). Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

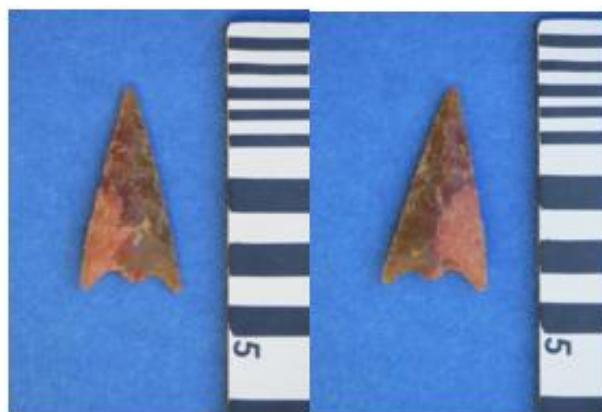


Figura II.2. – 1078: ponta de seta triangular de base bicôncava (verso e anverso). Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

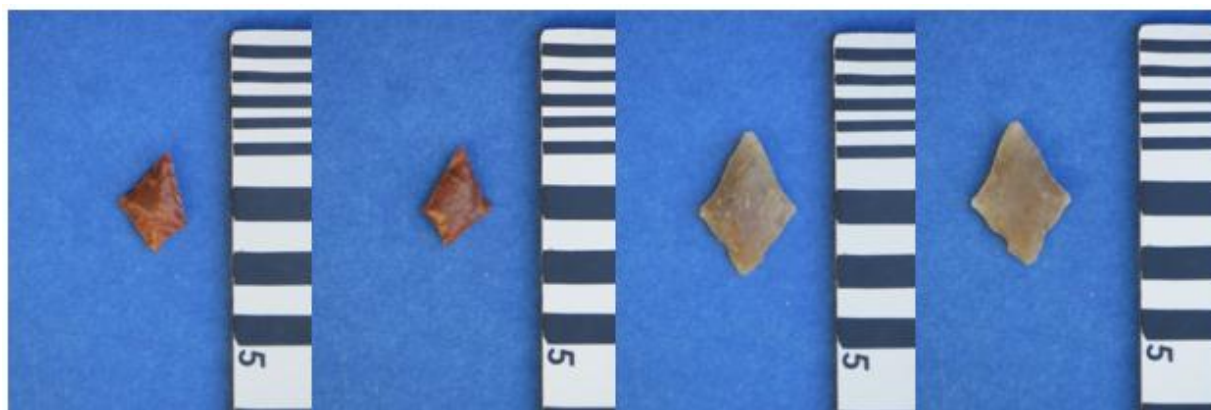


Figura II.3. – 1082 e 1099: pontas de seta losângicas (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).



Figura II.4. – 1171 e 1202: pontas de seta triangulares de base recta (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

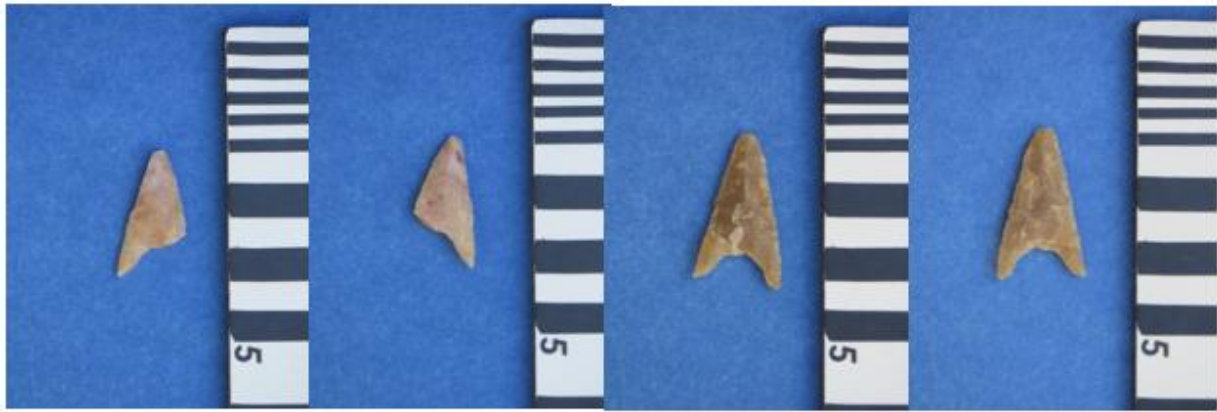


Figura II.5. – 1126 e 1150: pontas de seta chanfradas (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

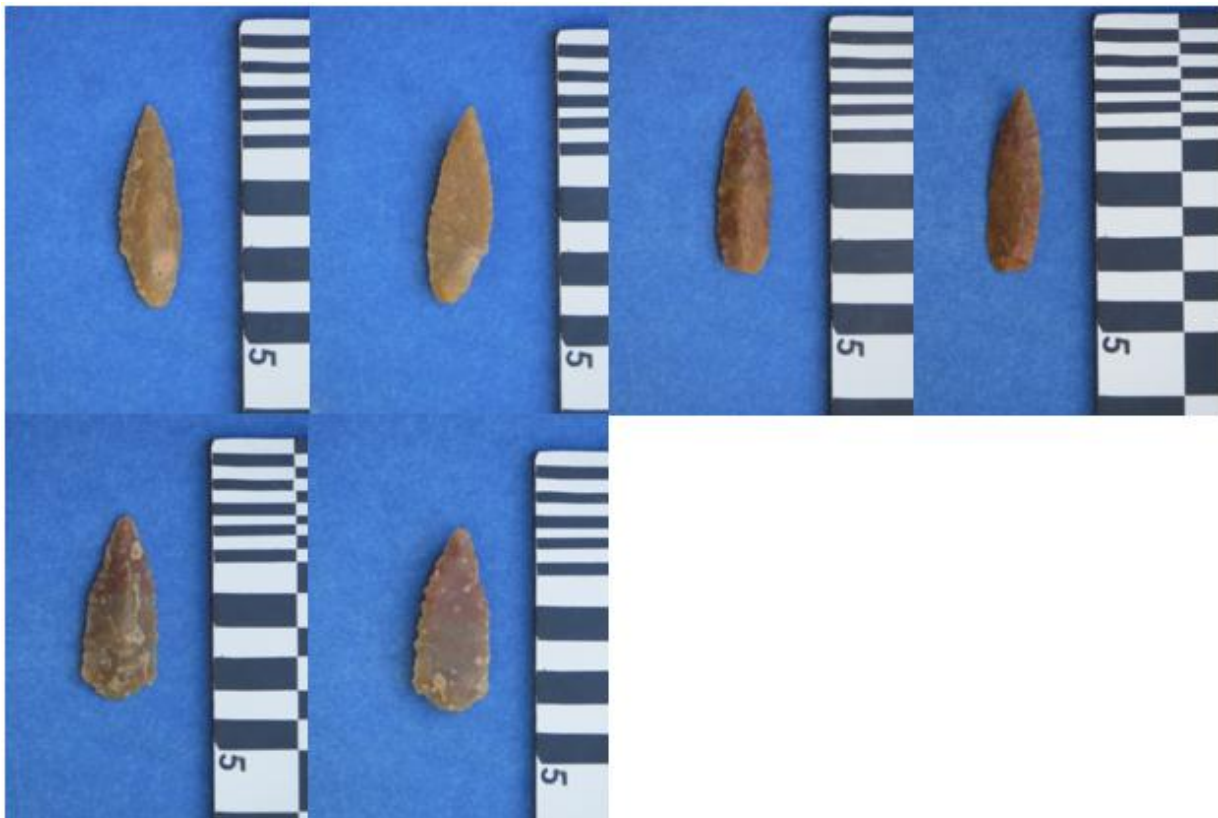


Figura II.6. – 1116, 1137 e 1164: pontas de seta foliáceas (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

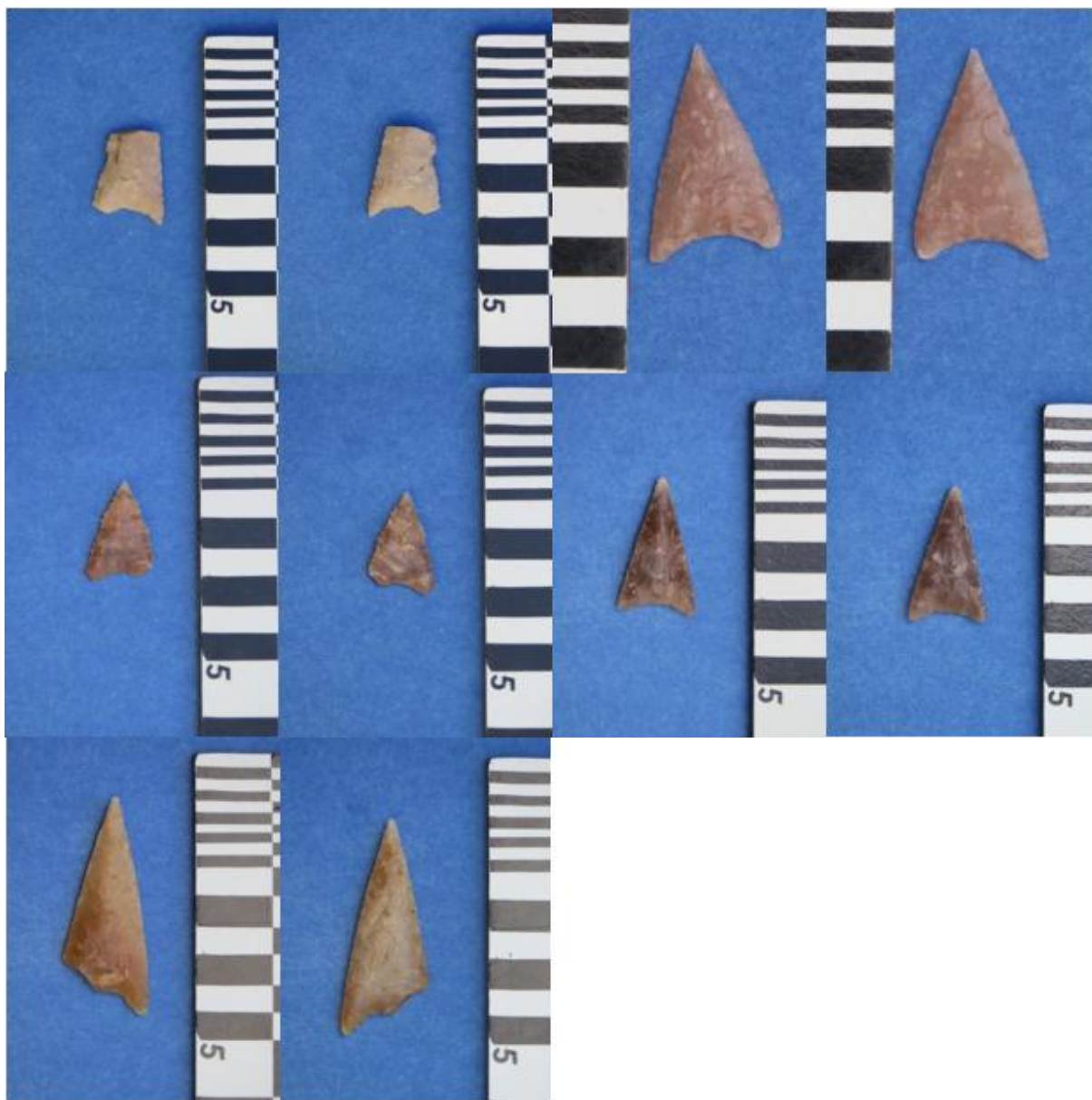


Figura II.7. – 1005, 1015, 1092, 1194 e 1229: pontas de seta triangulares de base cônica (versos e aversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).



Figura II.8. – 1050, 1086, 1088, 1128, 1134, 1154, 1160 e 1205: pontas de seta triangulares de base pedunculada (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

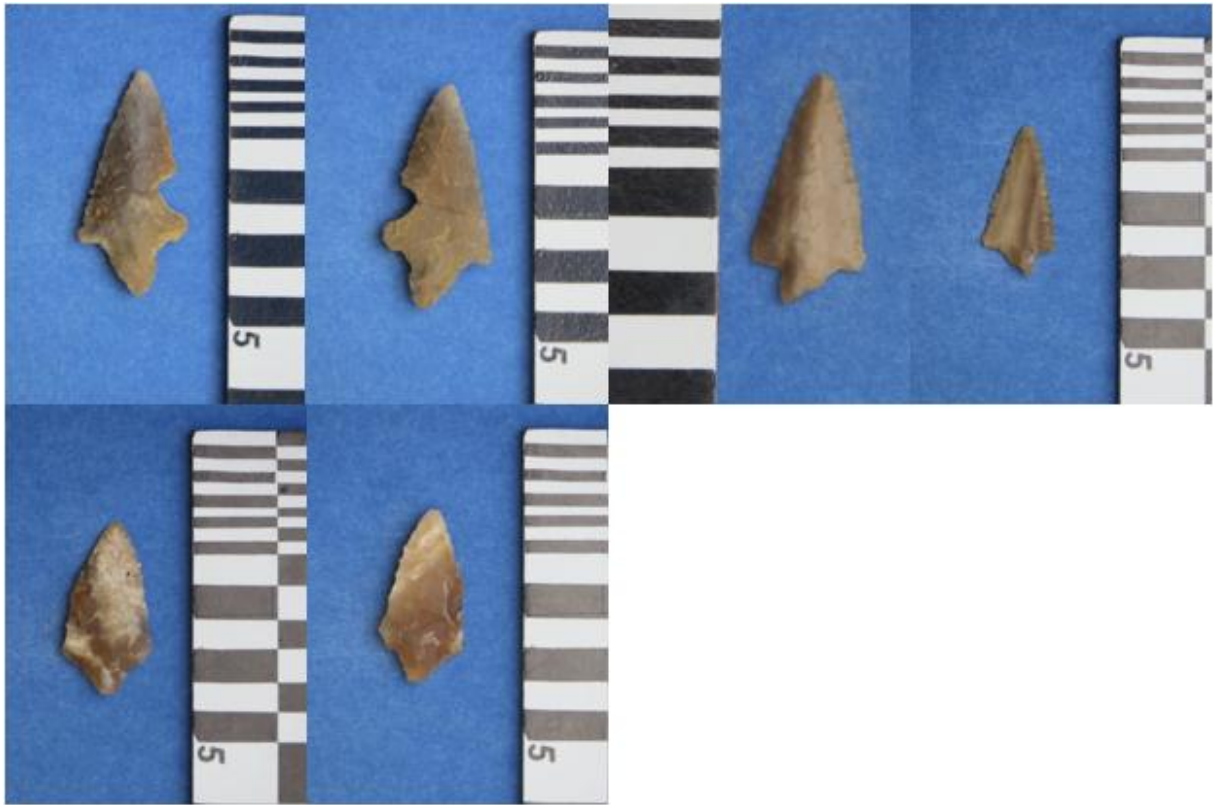


Figura II.9. – 1213, 1216 e 1224: pontas de seta triangulares de base pedunculada (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

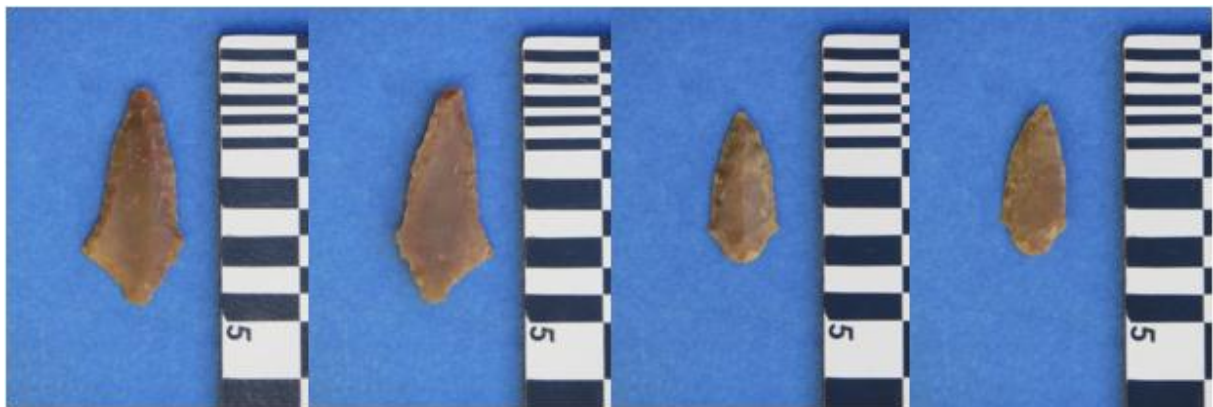


Figura II.10. – 1008 e 1014: pontas de seta triangulares de base convexa (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

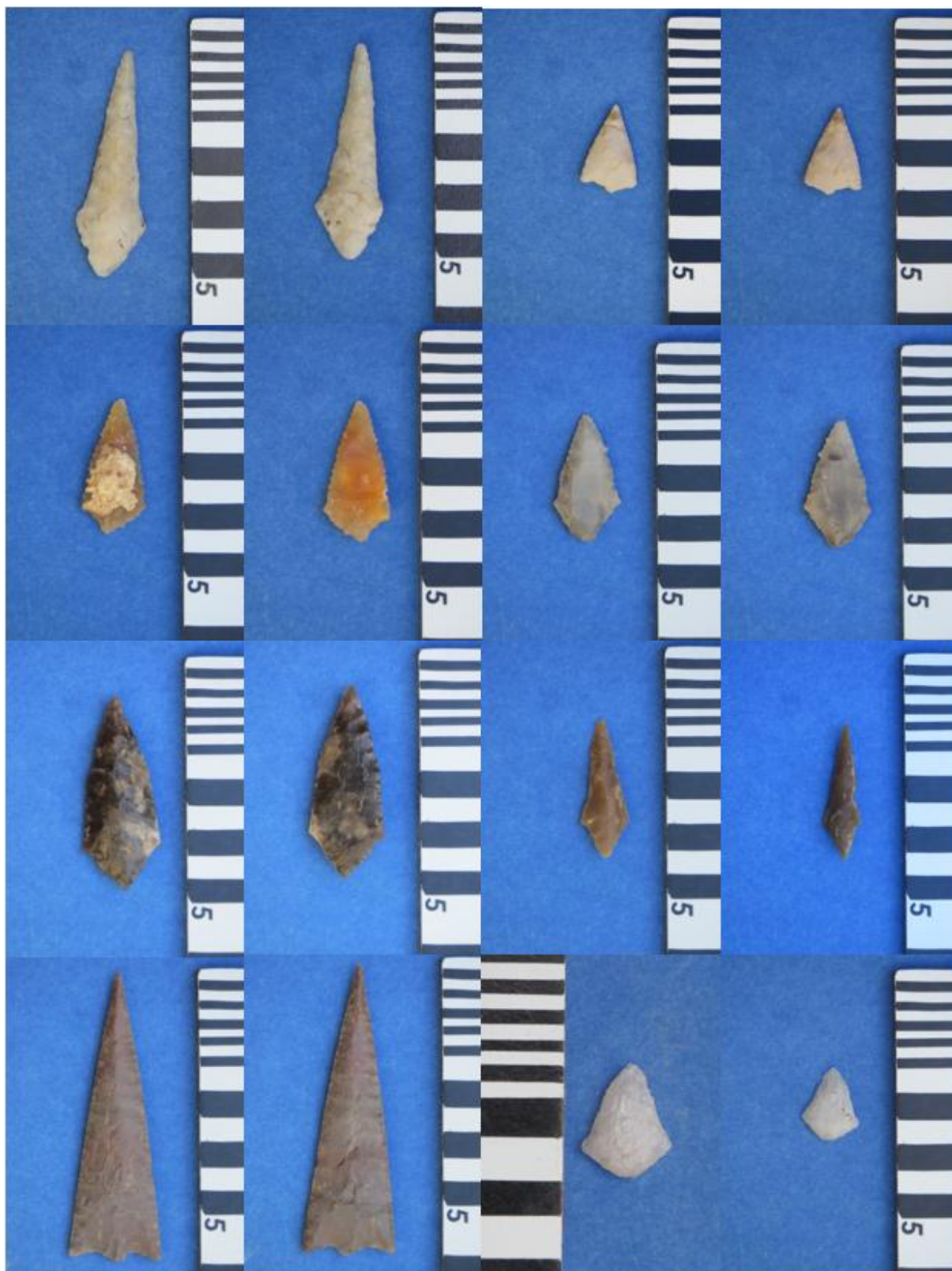


Figura II.11. – 1017, 1058, 1080, 1100, 1102, 1107, 1108 e 1129: pontas de seta triangulares de base convexa (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

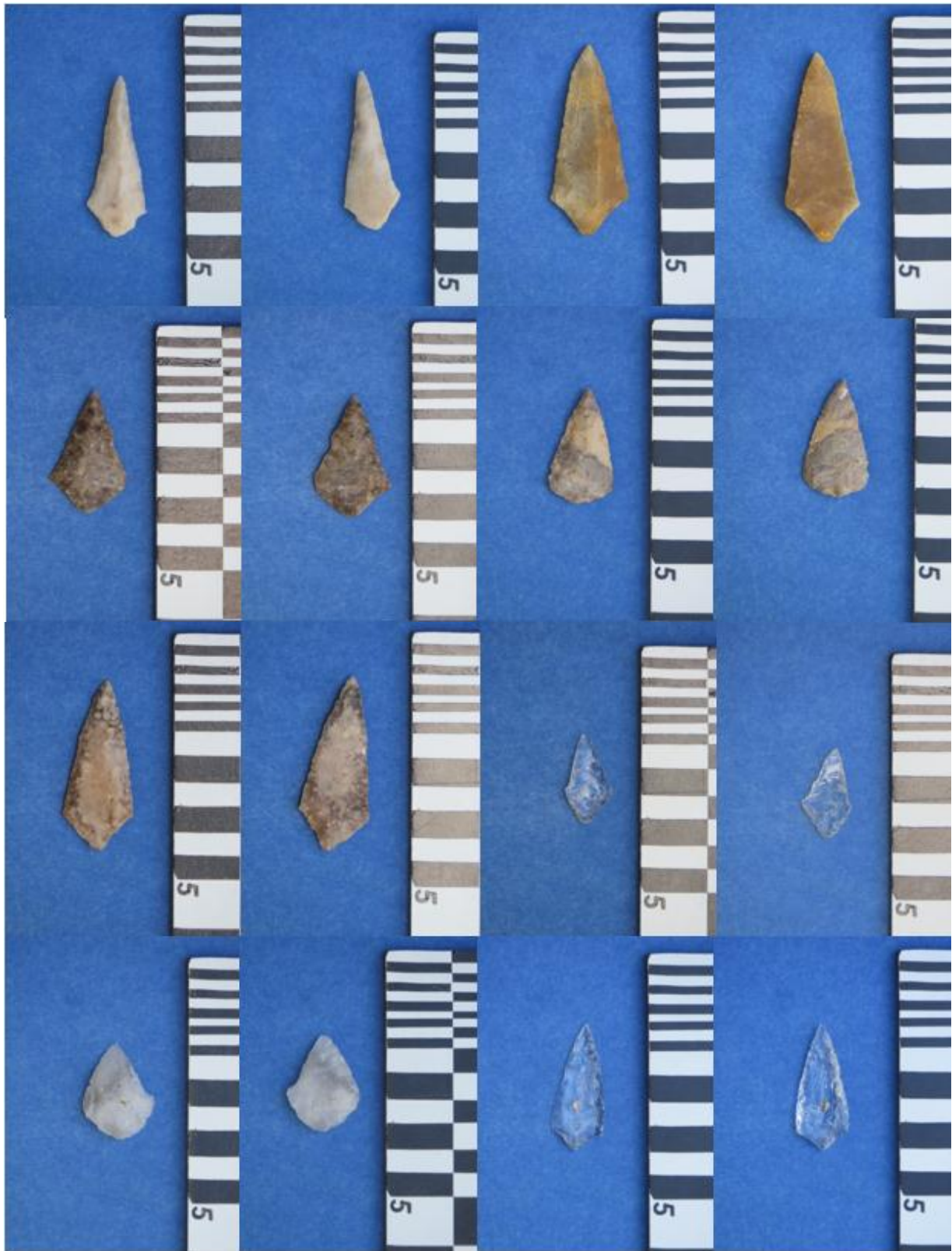


Figura II.12. – 1131, 1136, 1139, 1144, 1145, 1159, 1163, 1167: pontas de seta triangulares de base convexa (versos e anversos).

Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

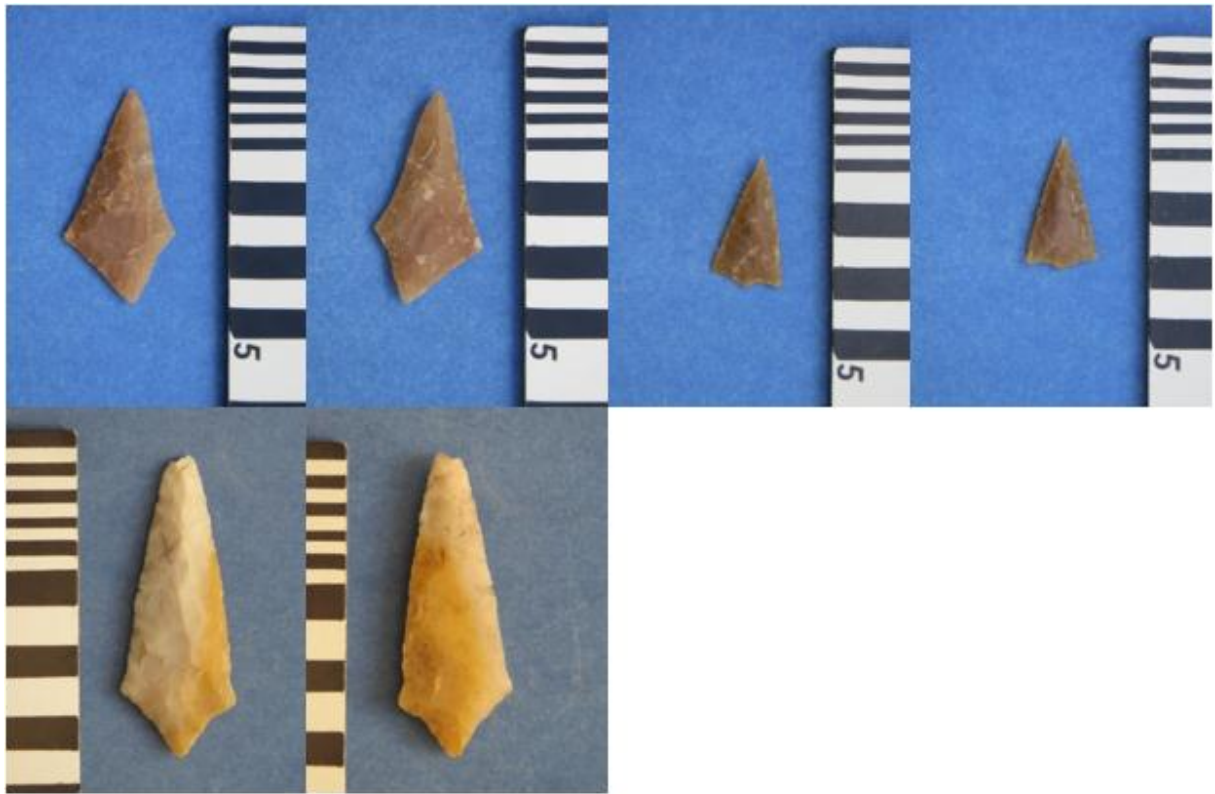
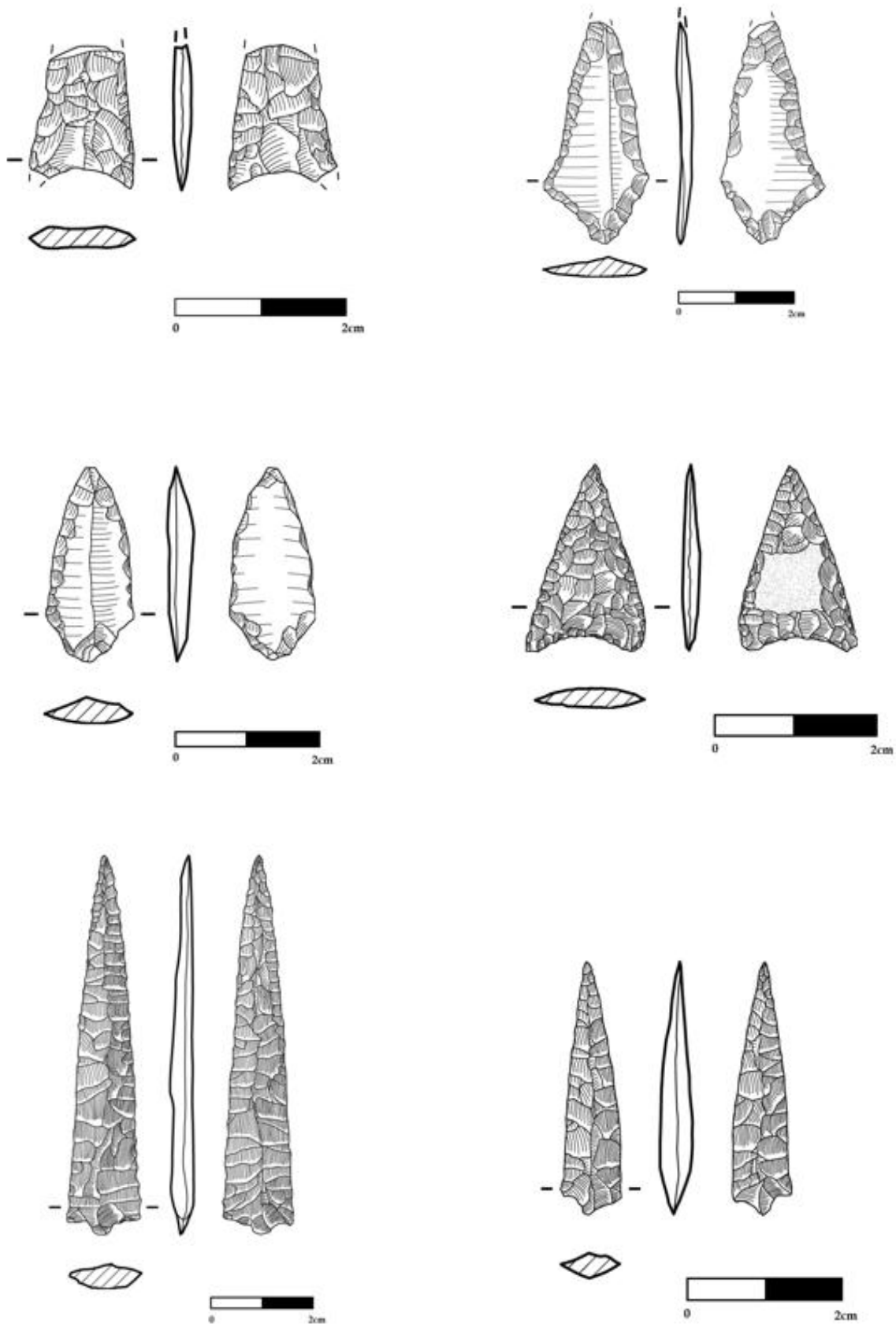
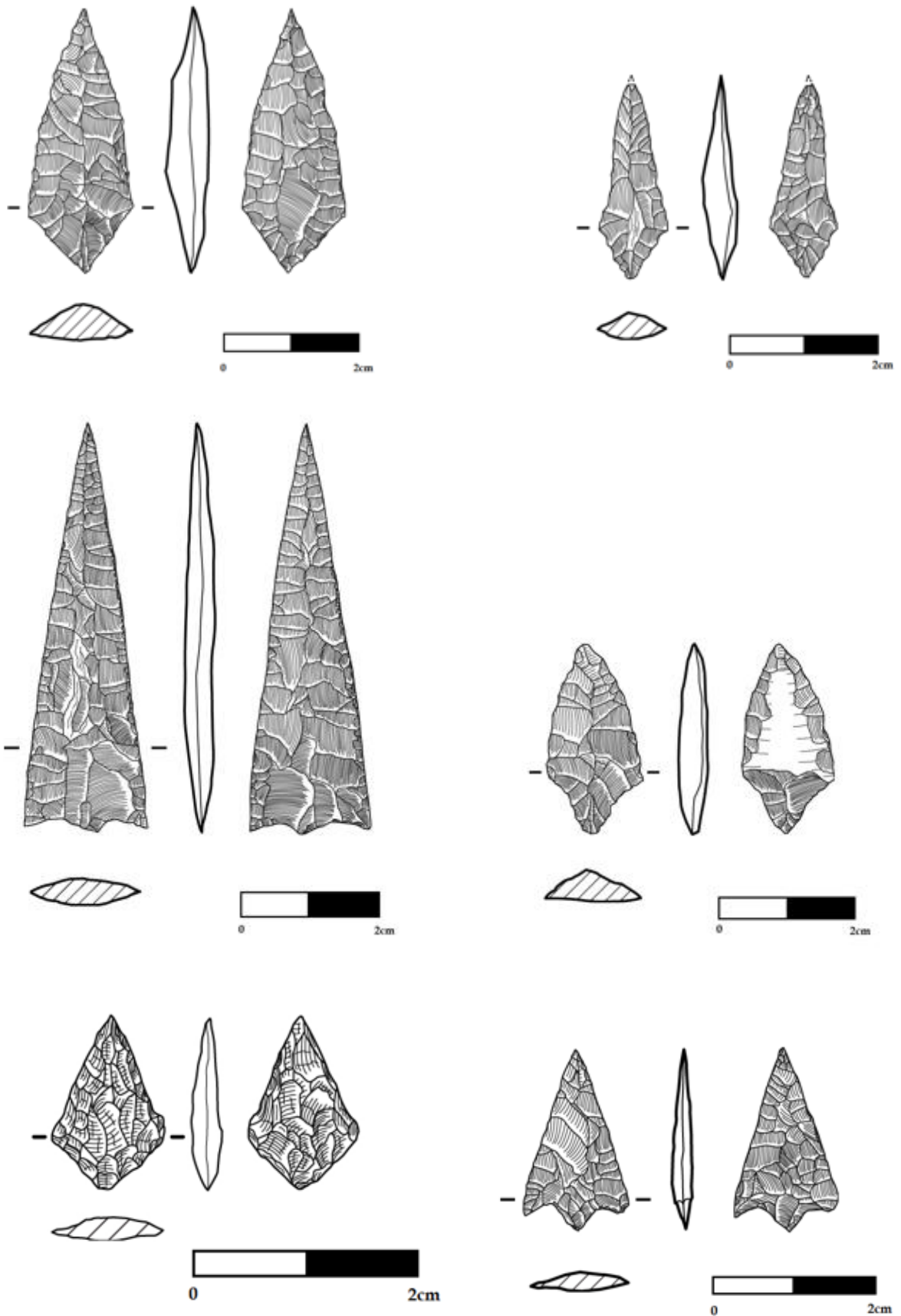


Figura II.13. – 1182, 1201 e 1234: pontas de seta triangulares de base convexa (versos e anversos).
Fotografias executadas por Mário Monteiro para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

Anexo III: Estampas

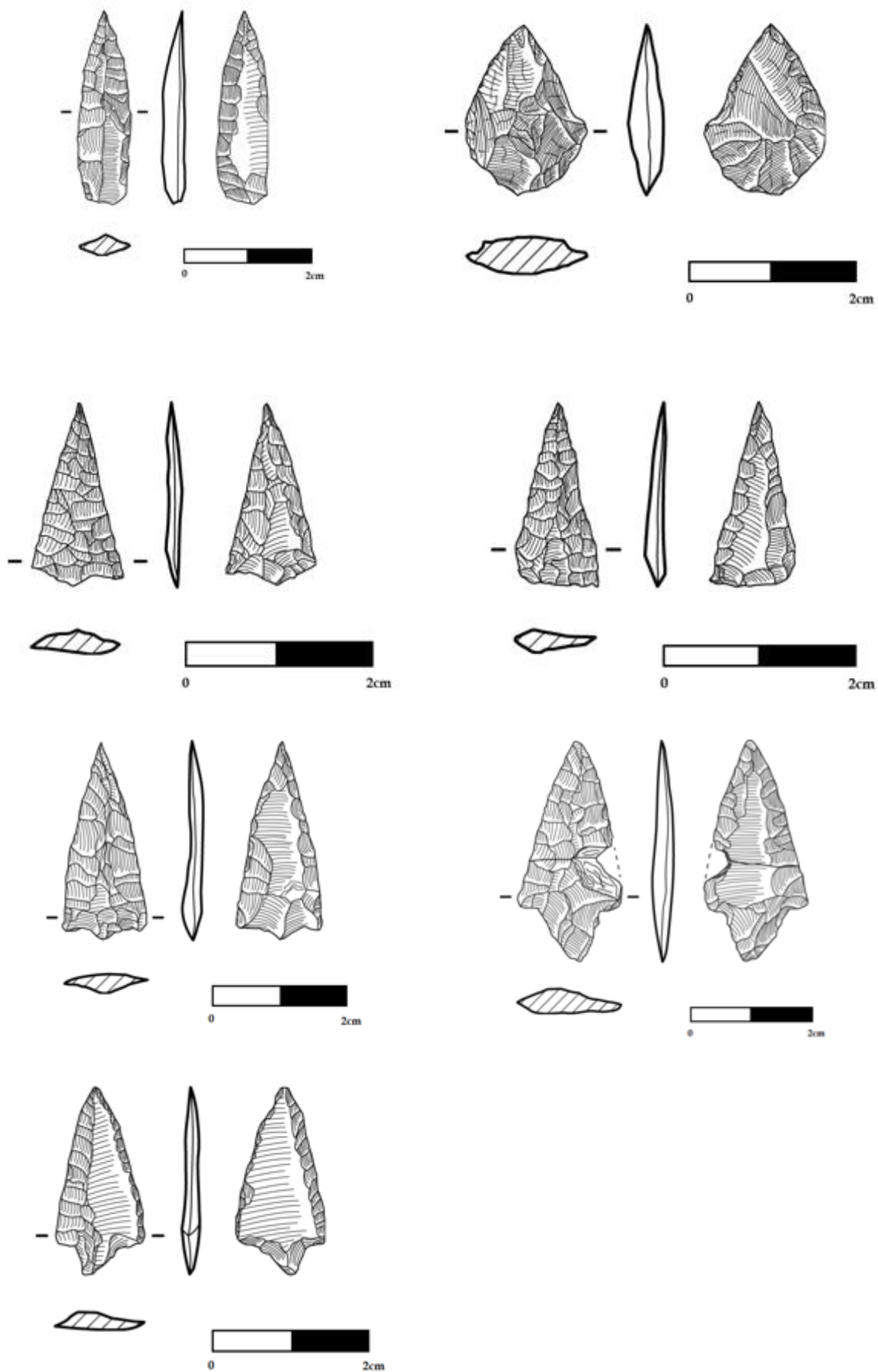


Estampa 1 – Pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante: 1005, 1008, 1014, 1015, 1086, 1088.
Desenhos realizados por André Pereira para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).



Estampa 2 – Pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante: 1102, 1107, 1108, 1128, 1129, 1134.

Desenhos realizados por André Pereira para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).



Estampa 3 – Pontas de seta da anta do Cabeço d’Ante: 1137, 1163, 1201, 1202, 1205, 1213, 1216.
 Desenhos realizados por André Pereira para a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT).

Anexo IV: Tabela de leitura simplificada sobre a caracterização das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante

Referência	Mat.-prima	Estado	Tipo	Base	Bordos	Delineação dos bordos	Suporte	RP	RR	RE	RM	RI	Perfil ¹	Secção Trans. ²
1005	0	6	0	3	6	2	0	4	1	3	0	2	0	5
1008	0	3	0	2	2	2	0	4	1	0	2	3	2	1
1014	0	0	0	2	2	2	0	4	1	0	2	9	0	4
1015	0	0	0	3	2	2	0	4	1	9	0	3	0	5
1017	0	0	0	2	0	2	0	4	1	3	0	2		
1050	0	3	0	4	0	2	0	4	1	3	0	2		
1058	0	0	0	2	2	2	0	4	1	2	0	2		
1061	0	0	0	6	0	2	0	4	1	2	0	2		
1078	0	0	0	1	0	2	0	4	1	3	0	2		
1080	0	0	0	2	2	0	0	4	1	4	2	2		
1082	0	0	3	*	0	2	0	4	1	3	0	3		
1086	0	0	0	4	0	0	0	4	1	3	2	2	0	4
1088	0	0	0	4	2	0	0	4	1	3	0	9	0	4
1092	0	4	0	3	2	0	0	4	1	3	0	3		
1099	0	0	3	*	0	2	0	4	1	2	0	2		
1100	0	0	0	2	2	2	0	4	1	2	0	2		
1102	0	0	0	2	2	2	0	4	1	3	2	2	0	1
1107	0	3	0	2	1	2	0	4	1	9	0	2	2	4
1108	0	0	0	2	0	2	0	4	1	3	2	3	0	5
1116	0	0	2	*	2	0	0	4	1	5	1	2		
1126	0	4	0	7	0	2	0	4	1	2	0	3		
1128	0	0	0	4	2	2	0	4	1	9	2	2	3	1
1129	1	0	0	2	2	2	0	4	1	3	0	3	0	5
1131	0	0	0	2	1	2	0	4	1	2	2	2		
1134	0	0	0	4	0	2	0	4	1	3	2	3	0	4
1136	0	0	0	2	2	2	0	4	1	0	0	2		
1137	0	0	2	*	2	2	0	4	1	2	2	3	0	2
1139	0	0	0	2	0	2	0	4	1	3	0	3		
1144	0	0	0	2	2	2	0	4	1	3	0	3		
1145	0	0	0	2	2	2	0	4	1	2	0	3		
1150	0	0	0	7	0	2	0	4	1	3	0	3		
1154	0	3	0	4	5	2	0	4	1	3	0	3		
1159	2	0	0	2	0	2	0	4	1	9	0	2		
1160	0	3	0	4	2	2	0	4	1	3	0	2		
1163	1	0	0	2	2	2	0	4	1	3	3	3	0	4
1164	0	0	2	*	2	1	0	4	1	5	0	3		
1167	2	0	0	2	2	2	0	4	1	2	0	3		
1171	0	3	0	0	0	2	0	4	1	9	0	3		

¹ Apresenta-se apenas os perfis das pontas de seta desenhadas.

² Apresenta-se apenas as secções transversais das pontas de seta desenhadas.

*Pontas de seta losânicas e foliáceas.

1182	0	0	0	2	1	2	0	4	1	2	0	3		
1194	0	0	0	3	0	2	0	4	1	3	0	3		
1201	0	0	0	2	0	2	0	4	1	9	2	3	0	4
1202	0	0	0	0	0	1	0	4	1	9	2	3	2	4
1205	0	0	0	4	2	2	0	4	1	9	4	3	2	2
1213	0	0	0	4	2	2	0	4	1	9	4	3	2	4
1216	0	0	0	4	0	2	0	4	1	4	1	3	0	0
1224	0	0	0	4	2	2	0	4	1	2	0	2		
1229	0	4	0	3	2	2	0	4	1	9	0	3		
1234	0	3	0	2	2	2	0	4	1	9	0	3		

Figura IV.1. - Tabela de leitura simplificada sobre a caracterização das pontas de seta da anta do Cabeço d'Ante.

Anexo V: Tabela de dimensões, pesos, índices de espessura e de alongamento das pontas de seta da anta Cabeço d'Ante

Referência	C.	Ci.	L.	Li.	E.	Cb.	Ccb.	Ccbi.	Peso	IE	IA
1005		1,7cm		1,4cm	0,3cm		0,3cm		0,8g		
1008	3,8cm		1,8cm		0,3cm	1,1cm			1,9g	7,8	47,3
1014	2,7cm		1,2cm		0,4cm	0,7cm			1g	14,8	44,4
1015	2,4cm		1,5cm		0,2cm		0,2cm		0,6g	8,3	62,5
1017	4,4cm		1,4cm		0,5cm	1,2cm			1,9g	11,3	31,8
1050		3,1cm		1,2cm	0,4cm	0,3cm			1,4g		
1058	1,8cm		1,2cm		0,3cm	0,3cm			0,5g	16,6	66,6
1061	2,2cm		1,2cm		0,4cm	0,8cm			0,8g	18,1	54,5
1078		3,2cm	1,7cm		0,5cm		0,4cm		1,8g		
1080	2,8cm		1,4cm		0,4cm	0,6cm			1,1g	14,2	50
1082	1,6cm		1,1cm		0,4cm	losângica			0,4g	25	68,7
1086	6,4cm		1,4cm		0,4cm	0,2cm			2,4g	6,2	21,8
1088	3,3cm		0,8cm		0,4cm	0,2cm			0,8g	12,1	24,2
1092		1,8cm		1,2cm	0,2cm			0,2cm	0,4g		
1099	2,3cm		1,6cm		0,4cm	losângica			1,1g	17,3	69,5
1100	2,6cm		1,4cm		0,3cm	1cm			1g	11,5	53,8
1102	4cm		1,6cm		0,7cm	1,1cm			3,5g	17,5	40
1107	2,8cm		1cm		0,5cm	0,8cm			0,8g	17,8	35,7
1108	5,9cm		1,9cm		0,4cm	0,1cm			3,4g	6,7	32,2
1116	3,1cm		1cm		0,5cm	foliácea			1,2g	16,1	32,2
1126		2,1cm		1cm	0,3cm	0,5cm			0,4g		
1128	2,8cm		1,4cm		0,5cm	1,2cm			1,6g	17,8	50
1129	1,5cm		1,2cm		0,3cm	0,6cm			0,4g	20	80
1131	3,3cm		1,3cm		0,6cm	0,7cm			1,4g	18,1	39,3
1134	2,2cm		1,4cm		0,3cm	0,4cm			0,5g	13,6	63,6
1136	3,9cm		1,6cm		0,5cm	0,9cm			2g	12,8	41
1137	3cm		0,9cm		0,4cm	foliácea			0,9g	13,3	30
1139	2,5cm		1,6cm		0,3cm	1cm			1,1g	12	64
1144	2,4cm		1,3cm		0,4cm	0,4cm			0,9g	16,6	54,1
1145	3,5cm		1,4cm		0,3cm	0,8cm			1,4g	8,5	40
1150		2,4cm	1,4cm		0,3cm		0,5cm		0,7g		
1154		2cm	1,1cm		0,3cm	0,2cm			0,4g		
1159	1,8cm		1cm		0,3cm	0,8cm			0,4g	16,6	55,5
1160		4,4cm	1,7cm		0,6cm	0,7cm			4,2g		
1163	2cm		1,5cm		0,5cm	0,9cm			1,1g	25	75
1164	3cm		1,3cm		0,5cm	foliácea			1,9g	16,6	43,3
1167	2,6cm		1,1cm		0,3cm	0,4cm			0,7g	11,5	42,3
1171		2cm	1,1cm		0,4cm	base recta			0,9g		

1182	3,4cm		1,8cm		0,4cm	1,3cm			1,7g	11,7	52,9
1194	2,4cm		1,4cm		0,3cm		0,2cm		0,7g	12,5	58,3
1201	2,1cm		1,2cm		0,3cm	0,2cm			0,4g	14,2	57,1
1202	1,9cm			0,9cm	0,3cm	base recta			0,2g	15,7	
1205	3cm		1,2cm		0,4cm	0,3cm			0,9g	13,3	40
1213		3,6cm	1,8cm		0,6cm	0,9cm			2,5g		
1216		2,4cm	1,2cm		0,3cm	0,4cm			0,6g		
1224		2,9cm	1,5cm		0,5cm	0,8cm			1,5g		
1229		3,8cm		1,5cm	0,4cm	0,4cm			1,9g		
1234		4,3cm	1,7cm		0,4cm	1,2cm			2,8g		

Figura V.1. - Tabela de dimensões, pesos, índices de espessura e de alongamento das pontas de seta da anta Cabeço d'Ante.

Anexo VI: Tabela de monumentos megalíticos e a quantidade de paralelos registrados

Concelho	Monumento megalítico	Matéria-prima	Arquitetura	Tipologias das pontas de seta									
				Chanfrada	Foliácea	Losângica	T. de base recta	T. de base côncava	T. de base convexa	T. de base trapezoidal	T. de base pedunculada	T. de base bicôncava	
Vila Nova de Paiva	Orca do Tanque	Granito	Câmara funerária de nove estelos de grandes dimensões e por um corredor extenso, coberto com lajes. Monumento megalítico em granito (Cruz et. al., 2000:253).									1	
Idanha-a-Nova	Anta 5 do Amieiro	Xisto	Câmara simples, aberta, em forma de "ferradura". Monumento megalítico em xisto (Cardoso et. al., 2003:172).				1						
Idanha-a-Nova	Mamo de Matalome	Xisto	Não foi possível identificá-la devido ao nível de destruição, apenas se sabe que foi construída recorrendo a vários estelos de xisto, de comprimento superior a um metro. Monumento megalítico em xisto (Sousa, 1991:186).							2			
Idanha-a-Nova	Anta II do Couto da Espanhola	Xisto	Câmara funerária sub-circular, composta por nove estelos e um corredor estreito e alongado. Monumento megalítico em xisto (Cardoso et. al., 1997:8).			1	1	2	2			1	
Castelo Branco	Antas do Ponsul	Xisto	Desconhecida. A morte prematura de Proença Júnior nos inícios do século XX não permitiu a publicação dos resultados obtidos na necrópole dolménica do Ponsul. Monumento megalítico em xisto (Caninas, 2012:43).					3	2			2	
Vila Velha de Ródão	Mamo da Charneca das Canas	Xisto	Câmara reduzida a um pequeno estelo e fragmentos de outros e sem vestígios que apontem para a presença de um corredor. Monumento megalítico em xisto (Caninas, 2012:113).					1					
Vila Velha de Ródão	Mamo da Charneca das Vinhas	Xisto	Sem a câmara funerária conservada. No entanto, há indícios de ter possuído corredor. Monumento megalítico em xisto (Caninas, 2012:113).	1				4					
Cedillo	Anta da Charca Grande de la Regañada	Xisto	Câmara poligonal e "corredor longo e átrio, com grandes dimensões". Monumento megalítico em xisto (Oliveira, 2003:251).		1					1			
Nisa	Anta II de S. Gens	Granito	Câmara funerária de planta poligonal e corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 1999-2000:181).					2					

Concelho	Monumento megalítico	Matéria-prima	Arquitetura	Tipologias das pontas de seta									
				Chanfrada	Foliácea	Losângica	T. de base recta	T. de base côncava	T. de base convexa	T. de base trapezoidal	T. de base pedunculada	T. de base bicôncava	
Castelo de Vide	Anta da Tapada de Matos	Granito	Câmara funerária de formato poligonal e corredor longo. Monumento megalítico em granito (Rodrigues, 1975).	1	3	1	2	3	9			3	
Castelo de Vide	Anta II do Alcogulo	Granito	Câmara de planta poligonal e corredor de três metros de comprimento. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 1997).	1	1			1				2	
Castelo de Vide	Anta do Tapadão da Relva	Granito	Câmara de planta poligonal alongada de grandes dimensões e de corredor longo, também de grandes dimensões. Monumento megalítico em granito (Rodrigues, 1975).		1	1	1		2				
Castelo de Vide	Anta II dos Coureleiros	Granito	Câmara poligonal e corredor longo e largo. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 2000).				1	1				1	
Castelo de Vide	Anta IV dos Coureleiros	Granito	Câmara poligonal e corredor longo, podendo mesmo considerar-se muito longo. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 1998:614).	1			2	3					
Castelo de Vide	Anta do Porto Aivado	Granito	Câmara de planta poligonal alongada e sem vestígios de ter existido corredor. Monumento megalítico em granito (Leisner, 1959).					1					
Marvão	Anta da Bola de Cera	Granito	Câmara poligonal e corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 1998:614).						19	1	1		
Marvão	Anta da Cabeçada	Granito	Câmara poligonal muito regular, com corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 2000:141).	1	2	1	1		9	1			
Marvão	Anta das Castelhanas	Granito	Câmara poligonal regular com corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 2000:141).				1	2	2			1	
Marvão	Anta dos Pombais	7 esteios em xisto e um chapéu em granito	Câmara de planta poligonal alongada não diferenciada do seu corredor. Monumento megalítico construído com 7 esteios em xisto e um chapéu em granito (Oliveira, 1992).			1			2				
Alter do Chão	Anta da Horta	Granito	Câmara funerária de formato sub-circular e provavelmente de corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 2006:109).						7			1	
Alter do Chão	Anta da Soalheira	Granito	Câmara poligonal regular de sete esteios, unida a um corredor curto. Monumento megalítico em granito (Oliveira, 2011:51).				1		5	1			

Figura VI.1. - Tabela de monumentos megalíticos e a quantidade de paralelos registados.

